



**CCB**

**LE CARNAVAL  
ET LA FOLIE**

# Le Carnaval et la Folie

O Carnaval e a Loucura

1704

*Comédie-ballet*

em um prólogo e quatro atos  
de André Cardinal Destouches (1672-1749)  
e libreto de Antoine Houdar de La Motte  
(1672-1731)

FOTOGRAFIA DE CAPA  
© MARTA ARAUJO

**13 > 15 MAIO 2011**

PEQUENO AUDITÓRIO – SALA EDUARDO PRADO COELHO

**21H** (13/14 MAIO) **16H** (15 MAIO)

M / 12 ANOS

DURAÇÃO > 70 MINUTOS (SEM INTERVALO)

**CO-PRODUÇÃO: CCB / MÚSICOS DO TEJO**

**ESPETÁCULO LEGENDADO  
EM PORTUGUÊS**

DIREÇÃO MUSICAL  
**MARCOS MAGALHÃES**

ENCENAÇÃO E MOVIMENTO  
**LUCA APREA**

ADAPTAÇÃO DO LIBRETO  
**MARCOS MAGALHÃES**  
**LUCA APREA**

ESPAÇO CÊNICO  
**LUCA APREA**  
**STEFANO RIVA**

ILUMINAÇÃO  
**DANIEL WORM**  
**D'ASSUMPÇÃO**

REALIZAÇÃO CENOGRÁFICA  
**CARLOS MORAL REIS**

CONCEÇÃO DE FIGURINOS  
**ANABELA VICENTE**  
**LUCA APREA**

PRODUÇÃO  
**LUCA APREA**  
**MARTA ARAÚJO**  
**MARCOS MAGALHÃES**

PRODUÇÃO EXECUTIVA  
**BRUNO COELHO**

MAQUILHAGEM  
**FÁTIMA SOUSA**

INTERPRETAÇÃO  
**ANA QUINTANS** LA FOLIE  
**JOÃO FERNANDES** LE CARNAVAL  
**HUGO OLIVEIRA** MOMUS  
**FERNANDO GUIMARÃES** PLUTUS/MERCURE  
**CARLA CARAMUJO** LA JEUNESSE  
**LUÍS MIGUEL CINTRA** JÚPITER (13 MAIO)  
**JOB TOMÉ** JÚPITER (14/15 MAIO)  
**JENNIFER SMITH** VENUS

BAILARINOS  
**CATARINA CÂMARA**  
**PEDRO RAMOS**

CORO DE ATORES  
**MARIA AGUAYO**  
**JOÃO VICENTE**  
**DAVID CABECINHA**  
**AGUSTÍN OTÓN**

**CORO VOCES CAELESTES**  
DIREÇÃO DE SÉRGIO FONTÃO

## OS MÚSICOS DO TEJO

5 **NOTAS  
AO PROGRAMA**

7 **DEPOIMENTOS**

8 **LIBRETO**

13 PRÓLOGO

17 PRIMEIRO ATO

23 SEGUNDO ATO

29 TERCEIRO ATO

34 QUARTO ATO

42 **BIOGRAFIAS**

# Le Carnaval et la Folie

Em qualquer caracterização do ambiente social e político do continente europeu do século XVII, torna-se incontornável a referência às inúmeras e profundas conturbações, decorrentes de sucessivas guerras e disputas de poder e supremacia territorial, permanentemente latentes no âmago das diversas nações europeias. A este respeito, podem ser destacadas contendas estruturantes como a que culminou na Restauração da Independência de Portugal – iniciada com a revolta de 1 de dezembro de 1640, mas cujo acordo de paz definitivo só viria a ser firmado em 1668 – ou a Guerra dos Trinta Anos (1618-1648), materializada num dos mais violentos e prolongados conflitos de abrangência continental. Este quadro de perene insegurança e instabilidade abriu caminho a uma crescente permeabilidade às tendências e movimentações centralizadoras das classes reinantes. Deste modo, as últimas décadas deste século e a transição para o século subsequente assistiram ao estabelecimento de uma linhagem de monarcas de pendor absolutista, de que são exemplo D. João V de Portugal (1709-1750), Pedro I, o Grande, da Rússia (1682-1725), Carlos XII da Suécia (1697-1718) ou Luís XIV, o Rei Sol, de França (1643-1715). A sumptuosidade, a pompa e o esplendor eram uma constante na vida de corte dos regimes absolutistas, numa hábil instrumentalização enquanto símbolos do poder e da magnificência régios, explorada de um modo extremo pela ação de Luís XIV. Com efeito, na sequência de uma política de centralização administrativa

5 e cultural, encarada como esteio de uma efetiva coesão territorial de França, o monarca francês elevou o panorama artístico nacional a um ponto cimeiro no contexto europeu, em linha com a coetânea supremacia militar francesa da segunda metade do século XVII. Assim, com uma estratégia apelidada pelo historiador Tim Blanning de “cultura representacional”, Luís XIV procurava “representar” de uma forma “visível, tangível e audível” a grandeza do rei. No conjunto de rituais associados a esta estratégia, o *Rei Sol* atribuiu um papel central à música e à dança – formas de arte que o próprio rei praticava com competência. Fundou a Académie Royale de Danse (1661) e a Académie Royale de Musique (1669), enquanto se fazia rodear dos melhores e mais renomados intérpretes, atraídos pela aglutinadora vitalidade artística de Paris e, nas últimas décadas do século XVII, de Versalhes, onde Luís XIV erigiu um monumental complexo de edifícios destinados à corte, sem paralelo em toda a Europa. A música e a dança eram uma constante no quotidiano do imponente Palácio de Versalhes: enquanto a prática musical era ubíqua nas várias atividades que preenchiavam a jornada da família real – desde a elaborada cerimónia do despertar do rei até ao seu deitar, passando pelas refeições, passeios, receções oficiais ou caçadas (a primeira em que participou Luís XV, bisneto e herdeiro do trono de Luís XIV, contou com a participação de oitenta trompistas) – a prática da dança sucedia-se com uma frequência pouco menos que diária – relatos do marquês

de Dangeau apontam para setenta eventos e cerimônias na corte envolvendo dança em menos de seis meses, entre 10 de setembro de 1684 e 3 de março de 1685. Simultaneamente a esta realidade, o incontornável desejo de concretização de uma verdadeira matriz cultural de expressão francesa levou Luís XIV a repudiar qualquer influência artística estrangeira. No plano musical, foi particularmente notório o afastamento da até então preponderante escola italiana, materializado na dispensa de todos os músicos desta nacionalidade e na erradicação da ópera italiana em França. Em todo este processo, o monarca francês foi sendo aconselhado pelo *mestre de música da família real*, Jean-Baptiste Lully (1632-1687) – ironicamente, natural da cidade italiana de Florença, onde fora batizado com o nome de Giovanni Battista Lulli e de onde apenas saiu, para Paris, em 1646. De um modo inelutável, a influência de Lully junto de Luís XIV marcou a vida musical francesa ao longo de várias décadas. Na prática, apesar da atividade, no círculo da corte, de outros músicos de inquestionável competência e reconhecimento, como Henry Du Mont (1610-1684), Pierre Robert (c. 1618-1699) ou Marc-Antoine Charpentier (c. 1645-1704), a posição de Lully era hegemónica. Partindo da predileção do rei pela música e pela dança, associada ao ímpeto de apartar a cultura francesa da influência italiana, Lully encontrou no ator e dramaturgo Jean-Baptiste Molière (1622-1673) o parceiro ideal para o desenvolvimento de um género dramático abrangente, no qual, num

mesmo espetáculo, a trama, veiculada através de sucessivos diálogos entre as várias personagens – numa primeira fase falados, mais tarde cantados – seria complementada através de música e dança. Este género, que viria a receber o nome de *comédie-ballet*, gozou de grande popularidade e deixou uma forte marca no legado artístico francês subsequente. *Le Carnaval et la Folie* (1704), de André Cardinal Destouches (1672-1749) com libreto de Antoine Houdar de La Motte (1672-1731), a que hoje temos o privilégio de assistir, é uma direta herdeira desta tradição.

Nascido no seio de uma abastada família de comerciantes parisienses, André Cardinal estudou no colégio jesuíta Louis-le-Grand (assim denominado após oficialização do patronato de Luís XIV), de Paris. Após ter acompanhado o padre Gui Tachard na sua segunda missão ao reino do Sião, Destouches resolveu inscrever-se na Escola de Cavalaria de Tournon, alistando-se, posteriormente, na 2.ª Companhia de Mosqueteiros do Rei. Terá sido no animado ambiente de caserna que despertou a sua vertente musical, ao compor algumas *airs sérieux et à boire*, que acompanhava à guitarra. Entusiasmado pelo sucesso destas pequenas peças, abandonou, em 1694, a carreira militar para se dedicar em exclusivo à música. André Campra (1660-1744), que acabara de se mudar de Toulouse para assumir o prestigioso cargo de *maître de musique* na Catedral de Notre-Dame, tomou-o como discípulo, concedendo-lhe, três anos mais tarde, o privilégio de compor três *airs* para *L'Europe galante*, obra que materializa

o primeiro exemplo de uma *opéra-ballet*. Esta incipiente colaboração de Destouches com o libretista de *L'Europe galante*, o seu primo Antoine de La Motte – escritor e dramaturgo que celebrizou os amores de D. Pedro e D. Inês com a sua *Inès de Castro*, estreada com grande sucesso em 1723 no Théâtre-Français – teve sequência nos anos seguintes, com a génese de uma *pastorale-héroïque* e três *tragédies en musique* antes da conceção de *Le Carnaval et la Folie*. Articulado com a temática da Antiguidade Clássica subjacente às colaborações entre Destouches e de La Motte, o libreto de *Le Carnaval et la Folie* é inspirado no *Elogio da Loucura*, ensaio escrito em 1509 pelo humanista e teólogo Erasmo de Roterdão (1466-1536). O discurso espiritualmente cómico e satírico deste conciso ensaio – cuja primeira versão não tomou a Erasmo mais de uma semana a completar – é transposto, de um modo notável, para as especificidades do género operático francês. Aqui, dá origem a uma vertiginosa sucessão de personagens, cenas e ambientes, em que são magistralmente caricaturados “o excesso das paixões, o capricho, a leviandade e por assim dizer a loucura corrente” aludidos no *avertissement* que precede e enquadra a edição de *Le Carnaval et la Folie*.

LUÍS TOSCANO

## Depoimentos

7

Numa primeira leitura, *O Carnaval e a Loucura* pareceu-me uma obra que “se olha ao espelho”, debruçada sobre si mesma, como que suspensa numa aparente imobilidade. Uma imobilidade luxuosa, espetacular, difícil de evitar e sobretudo difícil de seduzir usando os típicos gestos de atualização – novo contexto, nova ambiência – que visam a releitura das obras do passado através de um sistema de analogias pertinentes. Esta tenacidade cativou-me principalmente porque, espontaneamente, a nossa abordagem dramaturgicamente se desenvolve no sentido de ir ao encontro da obra em vez de a fazer sair de si própria, procurando justamente nas suas aparentes imobilidades as metáforas que possam estabelecer um contacto com a nossa sensibilidade contemporânea. Esta obra tem uma “fisiologia” particular: ária, coro, dança; ária, coro, dança... “Recomeça” constantemente, tomada pela constante urgência de novidade, através de um dispositivo que parece ser feito para anular o tempo, o peso e a fadiga. As personagens e o subtil fio narrativo que os une têm o seu desenvolvimento, é certo, mas parecem avançar imóveis, como nuvens no céu da ópera. Se abordamos a obra pelo libreto temos efetivamente a impressão de estar frente a um canto paródico sobre a inevitabilidade da dor no amor; mas se a virmos sob um ponto de vista da sua “fisiologia”, temos então a impressão de assistir a uma amarga apologia da eterna juventude, povoada por personagens sem idade; um lugar sem tempo, não tanto o de uma imaturidade eterna, “poética”,

# Libreto

mas da ilusão dum destino imóvel,  
suspensão e sem consequências.  
Uma imagem que, de certa forma,  
me restitui o sentido que podemos  
hoje dar às palavras: projeto, futuro,  
transmissão, responsabilidade...  
Do ponto de vista da encenação, a intuição  
de fundo – muito pouco contemporânea,  
é verdade – foi a de unir num só movimento  
materiais diversos, concebidos e agregados  
por Destouches e La Motte justamente  
para dar à obra uma pulsação contrastante.  
Tentámos, pelo movimento, tecer  
uma escritura cénica sem interrupções  
onde o movimento não ficasse relegado  
aos únicos momentos de dança, mas  
contaminasse também o coro e a ação  
dos solistas procurando suspender  
o desenvolvimento “por números”,  
e abordar o espetacular já não apenas  
como uma característica da ópera  
mas como uma metáfora da sua cegueira.

LUCA APREA  
(TRADUÇÃO: LÚCIO STUDER)

Se a ópera italiana teve o seu parto natural,  
qual nascimento de Vénus boticelliano  
que esplendorosamente aparece no reino  
da música para o revolucionar, já a ópera  
francesa vem ao mundo e toma o seu lugar  
na geografia musical europeia de uma forma  
menos orgânica. Pode-se dizer que a ópera  
francesa mais do que nascer foi instaurada.  
Tratava-se de um divertimento com  
demasiado potencial para fugir à fabulosa  
máquina de Luís XIV (no seguimento  
das primeiras tentativas de Mazarin,  
ainda sob Luís XIII).

Foi com o *Rei Sol* que se chegou  
ao aperfeiçoamento de um espetáculo  
que agregava em si todo o sublime  
do mundo pela ação de uma superelite  
de artesãos ao serviço do monarca e onde  
pontificavam nomes como Molière, Le Nôtre,  
Quinault e Lully (o rei dos artistas). E claro  
que não poderia deixar de integrar, esta  
ópera à francesa, a dança. Le Ballet Français  
– monumento estético e brilhante da arte  
e elegância francesa e, como Foucault teria  
podido dizer, símbolo do triunfo artístico  
das modernas tecnologias disciplinares  
em ação sobre o corpo dos homens  
e da sociedade (não vamos citar Deleuze,  
não se preocupe o caro leitor).

A ópera que aqui hoje nos traz é por  
consequente um exemplo perfeito dessa  
ópera ideal onde um poder coreográfico  
de ascendência política encontra uma forma  
sublime de se manifestar. Vista hoje daqui  
do nosso tempo é refrescantemente  
coletivista, provocadoramente académica  
e desconfortavelmente cómica.

O seu encanto não decorre então, para nós,  
da originalidade genial de um compositor  
esquecido finalmente redescoberto, nem  
das elucubrações mágicas de um fantasioso  
libretista que urge oferecer ao riso latente  
do público. Seduz-nos mais a maneira  
elegante (no sentido mais ético do termo)  
como esta obra refaz os mesmos gestos  
criativos (reproduzindo as belezas da música  
francesa) e até lhe perdoamos a ousadia  
de uma, à época, hilariante e inovadora  
cena italiana (que aliás cortámos).  
Perdoem-nos a impertinência, há várias  
inversões em jogo: haverá mesmo uma  
não-comédia, um *ballet* filosófico falhado  
e, como tudo é hoje político, inúmeras  
propostas de ocupação combinatória  
do espaço por seres em movimento.  
Mas, silêncio! Chega de palavras:  
passemos ao palco.

MARCOS MAGALHÃES



# Le Carnaval et la Folie O Carnaval e a Loucura

Comédie-Ballet

Représentée pour la première fois par l' Académie Royale de Musique, le Jeudi vingt-septième jour de Décembre 1703  
Musique de André Cardinal Destouches  
Livret de Antoine Houdar de la Motte.

## AVERTISSEMENT

Le titre de cet Ouvrage n'annonce qu'une bagatelle, & peut-être même tout Opéra n'est-il autre chose; cependant, à ne parler que des miens, c'est celui-ci que je crois le plus raisonnable.

Erasme, ce Sçavant si rare par l'agrément de son esprit, m'a fourni la Scène & presque tous les Personnages de ma Pièce, dans son Eloge de la Folie. Il l'a fait fille de Plutus & de la Jeunesse: On sent d'abord la vérité de cette Fable, & il seroit puérile de s'amuser à la démontrer.

Il feint de plus, que la folie habite une Isle abondante où le fleuve d'Oubli prend sa source, ce qui est encore également juste & ingénieux; car si la raison se perfectionne par l'expérience, l'Oubli qui la rend inutile ne doit guere abandonner la Folie. On me dira peut-être que le Léthé est connu pour un Fleuve des Enfers, & que l'imagination d' Erasme ne m'autorise pas à le déplacer: Je répons que je n'ai fait aucune violence à la Fable; & qu'en déclarant que le Léthé porte ses eaux chez les morts, j'ai pu supposer sa source sur la terre. Les Poètes mêmes

Comédie-Ballet

Representada pela primeira vez na Académie Royale de Musique, quinta-feira, vigésimo sétimo dia de dezembro de 1703.  
Música do André Cardinal Destouches  
Libreto de Antoine Houdar de la Motte.

## ADVERTÊNCIA (DO AUTOR)

O título desta obra não faz mais que anunciar uma bagatela, e talvez a ópera não seja mais do que isso; no entanto, e para falar unicamente das minhas, é esta a que encontro mais razoável.

Erasmus, esse sábio tão raro pelo refinamento do seu espírito, forneceu a cena e quase todos os personagens da minha peça, no seu *Elogio da Loucura*. Fê-la filha de Plutão e da Juventude: A verdade desta fábula é por demais evidente, e seria pueril entretermo-nos aqui a demonstrá-la.

Erasmus ficciona também que a Loucura habita uma ilha abastada onde o rio do Esquecimento\* tem a sua nascente, o que é igualmente justo e engenhoso; pois se a razão se aperfeiçoa pela experiência, o esquecimento que a torna inútil jamais deve abandonar a Loucura. Dir-me-ão alguns que o Letes é conhecido como Rio dos Infernos, e que a imaginação de Erasmo não me autoriza a deslocá-lo: respondo que não infringi a fábula e que, ao declarar que o Letes leva as suas águas para junto dos mortos, pude idealizar a sua nascente na terra. Os próprios poetas julgavam o mesmo e conhecia-se a nascente à maior parte dos rios

ne l'ont pas prétendu autrement,  
& l'on connoissoit la source de la plupart  
des Fleuves qu'ils ont fait couler  
aux Enfers.

Voilà ce que j'ai emprunté d'Erasme;  
tout le reste est de mon invention.

J'attendrai, pour m'en applaudir,  
ou pour me la reprocher, le Suffrage,  
ou la Censure du Public. On a toujours  
tort de n'avoir sçu lui plaire, puisque  
c'est la fin qu'on se propose.

Mais on me permettra en attendant,  
de répondre à deux Objections  
qu'on ma fait prévoir.

La première, est que la Folie ne serait  
pas assez extravagante. J'avoue  
que ceux qui entendraient par folie  
ce dérangement de cerveau qui exclut  
les hommes de la Société, ne trouveraient  
pas leur compte au caractère de ma  
Déesse; mais aussi ce n'est pas là ce que  
j'ai du peindre; c'est seulement l'excès  
des passions, le caprice, la légèreté  
& pour ainsi dire, la folie courante.

Il faut que le plus sage s'y puisse  
reconnaître, du moins à quelque trait.

Sans cette imitation de l'Homme,  
la Comédie demeure sans sel & sans  
agrément. Je me la suis toujours proposée  
dans le cours de cet Ouvrage; & mon  
dessein a été que la Folie ne fit rien  
de raisonnable, mais qu'elle ne fit rien  
dont on ne pût trouver des exemples  
dans le commerce des hommes.

La seconde Objection est que  
le Carnaval ne devrait pas être amoureux.  
A n'entendre par Le Carnaval que  
la Saison des festins dans quelque Pays  
que ce soit, il est toujours célébré par  
des extravagances particulières. Il est  
donc tout naturel de marier le Carnaval  
& la folie; mais il ne l'est pas moins,  
pour parvenir à cette alliance, de rendre  
le Carnaval amoureux de cette Déesse;

que eles fizeram correr no Inferno.  
Eis o que tomei como empréstimo  
de Erasmo; tudo o resto é da minha  
invenção. Esperarei, antes de me poder  
elogiar ou censurar, o Sufrágio  
ou a Censura do Público. Nunca temos  
razão quando não lhe sabemos agradar,  
pois esse é o fim a que nos propomos.  
Mas permitir-me-ão, entretanto,  
que responda a duas objeções  
que já me fizeram prever.

A primeira, é que a Loucura não seria  
aquí suficientemente extravagante.  
Confesso que para aqueles que entendem  
por Loucura a perturbação do cérebro  
que exclui os homens da sociedade,  
não encontrarão o carácter da minha  
deusa a seu contento; mas também  
não foi isso o que quis pintar; foi  
samente o excesso das paixões, o capricho,  
a leviandade, e por assim dizer a loucura  
corrente. É necessário que com ela  
se possa identificar mesmo o espectador  
mais sensato, pelo menos nalgum traço.  
Sem esta imitação do Homem, a comédia  
fica sem graça e sem encanto. Sempre  
me propus, e era esse o meu desejo,  
que, ao longo desta obra, a Loucura  
nada fizesse de razoável, mas também  
que tudo o que fizesse pudesse encontrar  
exemplo no procedimento dos homens.  
A segunda objeção é a de que o Carnaval  
não deveria ser apaixonado. Tomando  
o sentido de Carnaval unicamente como  
a Época dos Festins num qualche país,  
ele é sempre celebrado com extravagâncias  
particulares. Nada mais natural, portanto,  
do que casar o Carnaval e a Loucura;  
e ainda, para chegar a essa aliança,  
fazer o Carnaval apaixonar-se por esta  
deusa; trata-se mesmo de uma paixão  
que o caracteriza tanto como as frequentes  
incursões à boa mesa; além de que  
o Carnaval não é tanto a estação

c'est même une passion qui le caractérise  
autant que ses retours fréquens  
à la bonne chère; outre que le Carnaval  
n'est guère plus la saison des festins que  
le règne des Amours, & qu'il fallait le  
personnifier avec tous ses attributs.  
Ces raisons m'ont contenté jusqu'ici: mais  
quelques bonnes qu'elles m'ayent paru,  
la contradiction du Public me convaincrait  
bien-tôt qu'elles n'étaient qu'apparentes.

dos festins como o reino dos Amores  
e que era portanto necessário  
personificá-lo com todos os seus atributos.  
Estas razões contentaram-me até agora,  
mas por melhores que me pareçam,  
a contradição do público  
convencer-me-á em breve  
o quão aparentes elas eram.

12

13

## PROLOGUE

LE THÉÂTRE REPRÉSENTE LES CIEUX,  
OÙ LES DIEUX SONT EN FESTIN.

PERSONNAGES DU PROLOGUE:

JUPITER  
VENUS  
MOMUS  
MERCURE  
LES DIEUX & LES DÉESSES

## PRÓLOGO

O TEATRO REPRESENTA OS CÉUS,  
ONDE OS DEUSES ESTÃO EM FESTA.

PERSONAGENS DO PRÓLOGO:

JÚPITER  
VÊNUS  
MOMO  
MERCÚRIO  
OS DEUSES E AS DEUSAS

## SCÈNE PREMIÈRE

JUPITER, VENUS & LE CHŒUR  
EN SE FAISANT SERVIR LE NECTAR.

JUPITER  
**Qu'à nos vœux ici  
tout répond:**  
**Versez-nous la céleste liqueur.**

CHŒUR  
**Versez-nous, versez-nous  
la céleste liqueur.**

## CENA I

JÚPITER, VÊNUS E O CORO  
FAZENDO-SE SERVIR DE NÉCTAR.

JÚPITER  
**Que todos respondam  
agora aos nossos votos:  
Derramai entre nós o celeste licor.**

CORO  
**Derramai entre nós  
o celeste licor.**

>

VENUS ET JUPITER

Que le Nectar enchante nôtre coeur;  
Qu'il y porte une paix profonde:

CHŒUR

Qu'à nos vœux ici  
tout réponde:  
Versez la céleste liqueur.  
Que le Nectar enchante nôtre coeur;  
Qu'il y porte une paix profonde:  
Versez la céleste liqueur.

14

JUPITER

C'est assez du nectar, Amour,  
Viens par tes feux  
Achever de nous rendre heureux.

MOMUS À JUPITER

Ne vous faites point violence:  
Juno est encore à Samos,  
Profitez bien de son absence.

JUPITER

Téméraire Momus, laisse-nous  
en repos.

JUPITER

Que l'on chante ici, que l'on danse.  
Livrons-nous à tous nos désirs.  
Sur notre puissance  
Réglons nos plaisirs.  
Que l'on chante ici, que l'on danse.  
Livrons-nous à tous nos desirs.

NEPTUNE DANSE AVEC THETIS,  
APOLLON AVEC DIANE, MARS AVEC  
PALLAS, ET BACHUS AVEC CÉRES.

#### CHACONNE POUR LES DIEUX

VENUS

Regnez, Amour,  
rassemblez vos attraits;  
Triomphez, sur nos cœurs  
étendez votre empire.

CHŒUR

Triomphez, sur nos cœurs  
étendez votre empire.

VÉNUM E JÚPITER

Que o Néctar encante o nosso coração;  
Que lhe traga uma paz profunda:

CORO

Que todos respondam  
agora aos nossos votos:  
Derramai o celeste licor.  
Que o Néctar encante o nosso coração;  
Que lhe traga uma paz profunda:  
Derramai o celeste licor.

JÚPITER

Basta de Néctar, Amor,  
Vem com a tua chama  
Consumar a nossa felicidade.

MOMO, PARA JÚPITER

Não vos forceis,  
Juno ainda está em Samos,  
Aproveitai bem a sua ausência.

JÚPITER

Momo temerário, deixai-nos  
em paz.

JÚPITER

Que se dance aqui, que se cante.  
Abandonemo-nos aos prazeres.  
De acordo com o nosso poder  
Ajustemo nos prazeres.  
Que se dance aqui, que se cante.  
Abandonemo-nos aos prazeres.

NEPTUNO DANÇA COM TÉTIS,  
APOLO COM DIANA, MARTE  
COM PALAS E BACO COM CERES.

#### CHACONNE PARA OS DEUSES

VÉNUM

Reinai, Amor,  
convocai os vossos encantos;  
Triunfai, sobre os nossos corações  
alargai o vosso império.

CORO

Triunfai, sobre os nossos corações  
alargai o vosso império.

VENUS

Viens, Amour, avec tous tes charmes,  
Que les Jeux viennent sur tes pas.

CHŒUR DES DÉESSES

Viens, Amour, avec tous tes charmes,  
Que les Jeux viennent sur tes pas.

VENUS

Nous aimons tes douces allarmes;  
Tes chaînes, tes feux sont  
remplis d'appas.  
Prend tes traits, prépare  
tes armes,  
Et vien te venger des cœurs  
qui n'aiment pas.

CHŒUR DES DÉESSES

Nous aimons tes douces allarmes;  
Tes chaînes, tes feux  
sont remplis d'appas.  
Prend tes traits,  
prépare tes armes,  
Et vien te venger des cœurs  
qui n'aiment pas.

## SCÈNE DEUXIÈME

MERCURE, & LES PERSONNAGES  
DE LA SCÈNE PRÉCÉDENTE.

MERCURE

Quittez, quittez ces Jeux,  
en faveur de l'Amour:  
Que de nouveaux soins les suspendent.  
Dans un moins superbe séjour  
De plus doux plaisirs vous attendent.  
J'ai volé, j'ai servi vos feux ;  
Et mille charmantes Mortelles  
N'aspirent qu'au  
moment heureux  
De vous voir soupirer près d'elles.

MOMUS, AUX DIEUX

Suivez, suivez Mercure,  
abandonnez les Cieux.

VÉNUM

Vem, Amor, com todos os teus encantos,  
E que os Jogos sigam os teus passos.

CORO DAS DEUSAS

Vem, Amor, com todos os teus encantos,  
E que os Jogos sigam os teus passos.

VÉNUM

Amamos as tuas doces inquietações;  
As tuas grilhetas e paixões  
transbordam de encanto.  
Pega nas tuas flechas, prepara  
as tuas armas,  
Vem vingar-te dos corações  
que não amam.

CORO DAS DEUSAS

Amamos as tuas doces inquietações;  
As tuas grilhetas e paixões  
transbordam de encanto.  
Pega nas tuas flechas,  
prepara as tuas armas,  
Vem vingar-te dos corações  
que não amam.

## CENA II

MERCÚRIO E OS PERSONAGENS  
DA CENA ANTERIOR.

MERCÚRIO

Largai, largai esses Jogos,  
a favor do Amor:  
Que de novos cuidados os suspendam.  
Numa casa menos soberba  
Prazeres mais doces vos esperam.  
Voei, servindo as vossas paixões;  
E mil encantadoras Mortais  
Não desejam mais do que  
o feliz momento  
De vos ver suspirando junto delas.

MOMO, PARA OS DEUSES

Ide, segui Mercúrio,  
abandonai os Céus.

15

>

## AIR

Livrez-vous aux plaisirs;  
qu'en vain la Gloire gronde.  
L'Amour est un plus digne objet.  
Aimez; il est un Roy  
qui prend le soin du monde;  
Jouissez du loisir qu'un Mortel  
vous a fait.

## JUPITER

De tes ris outrageants  
c'est trop souffrir l'injure,  
Cesse Momus, de troubler nos desirs;  
Fuis, va chez les Mortels  
exercer ta censure,  
Et laisse ici les Dieux maîtres  
de leurs plaisirs.

## MOMUS

Le Destin m'a soumis  
au Maître du tonnerre,  
J'obéis à ses loix, et je vous quitte tous;  
Mais, j'espère bientôt  
vous revoir sur la terre,  
Sous des formes dignes de vous.

## LE CHŒUR DES DIEUX

Allez, Amours, conduisez-nous;  
Sous divers changemens,  
trompons les yeux jaloux.

## LES AMOURS VOLENT

POUR CONDUIRE LES DIEUX.

## LE CHŒUR DES DIEUX

Allez, Amours, conduisez-nous;  
Sous divers changemens, trompons  
les yeux jaloux.

ON REPREND L'OUVERTURE.

FIN DU PROLOGUE.

## ÁRIA

Entreguemo-nos aos prazeres;  
que em vão a Glória brama.  
O Amor é um desígnio maior.  
Amai, ele é um Rei  
que vela pelo mundo;  
Gozai do favor que um Mortal  
vos fez.

## JÚPITER

De teus risos ultrajantes  
repudio a injúria,  
Cessa, Momo, de turvar nossos desejos;  
Foge, vai junto dos Mortais  
exercer a tua censura  
E deixa aqui os Deuses reis  
dos seus prazeres.

## MOMO

O Destino submeteu-me  
ao Mestre do trovão,  
As suas leis obedeço e deixo-vos a todos,  
Mas espero, em breve,  
rever-vos na Terra,  
Sob formas que vos são dignas.

## O CORO DOS DEUSES

Vinde, Amores, levai-nos;  
Com variados disfarces,  
enganemos os olhos ciumentos.

## OS AMORES VOAM

PARA CONDUIZIREM OS DEUSES.

## O CORO DOS DEUSES

Vinde, Amores, levai-nos;  
Com variados disfarces, enganemos  
os olhos ciumentos.

RETOMA-SE A ABERTURA.

FIM DO PRÓLOGO.

## ACTE PREMIÈRE

LE THÉÂTRE REPRÉSENTE UN BOIS  
FLEURY, CONSACRÉ À LA JEUNESSE.

## SCÈNE PREMIÈRE

### RITOURNELLE

LE CARNAVAL  
Bacchus, laisse-moy soupirer;  
Amour, laisse-moy boire.  
Mon cœur entre vos mains  
se plaît à se livrer;  
Entre vous deux, partagez la victoire.  
De tendresse et de vin  
je me veux enyvrer;  
L'Amour fait mes plaisirs,  
et Bacchus fait ma gloire.  
Bacchus, laisse-moy soupirer;  
Amour, laisse-moy boire.

## SCÈNE DEUXIÈME

LE CARNAVAL, MOMUS.

### MOMUS

Tu vois l'objet de la haine des Dieux,  
Dans le censeur de leurs caprices;  
Ils m'ont banni du Ciel,  
et le Maître des Cieux  
Veux jouir en paix de ses vices.

### AIR

C'est toy désormais que je sers;  
Souffre que sur tes pas  
pour jamais je m'engage;  
Et que du Nectar que je perds,  
Ton vin charmant me dédommage.

### LE CARNAVAL

Pour commencer des nœuds si doux  
Ecoute, c'est à toy que mon cœur  
se confie.

## ATO I

O TEATRO REPRESENTA UM BOSQUE  
FLORIDO, CONSAGRADO À JUVENTUDE.

## CENA I

### RITOURNELLE

O CARNAVAL  
Baco, deixa-me suspirar;  
Amor, deixa-me beber.  
O meu coração, nas vossas mãos  
feliz se entrega;  
Entre vós os dois, partilhai a vitória.  
De ternura e vinho  
me quero enebriar;  
O Amor faz os meus prazeres,  
Baco a minha glória.  
Baco, deixa-me suspirar;  
Amor, deixa-me beber.

## CENA II

O CARNAVAL, MOMO.

### MOMO

Estás diante o objeto do ódio dos Deuses,  
Como censor dos seus caprichos,  
Baniram-me do Céu,  
e o Rei do firmamento  
Quer desfrutar em paz os seus vícios.

### ÁRIA

De ora em diante, é a ti que obedeço;  
Permite-me que para sempre te siga;  
E que renunciando  
ao Néctar que desperdiço,  
Me possa compensar teu doce vinho.

### O CARNAVAL

Para começar tão doces laços  
Escuta, é a ti que o meu coração  
se confia.

**AIR**

Tu vois ce séjour enchanté;  
Le repos règne sur ces rives;  
L'Abondance y nourrit  
la molle volupté,  
Du rocher que tu vois  
le paisible Léthé  
Répand jusqu'aux  
Enfers ses ondes fugitives;  
Plutus et la Jeunesse  
en ce charmant Séjour,  
Goûtent un sort exempt de peines:  
Dés longtemps le fidèle Amour  
Les a liez de ses plus  
douces chaînes,  
Et l'aimable Folie en a reçu le jour.

**MOMUS**

Quoy! quel secret enfin  
va suivre cette Image?

**LE CARNAVAL**

Cher Momus, la Folie  
est l'Objet qui m'engage.

**MOMUS, EN RIANT**

Que vôtre choix est beau!  
que vos liens sont doux!  
Vous ne pouviez choisir  
de Maîtresse plus belle:  
Elle seule est digne de vous,  
Et vous seul êtes digne d'elle.  
Que vôtre choix est beau!  
que vos liens sont doux.

**LE CARNAVAL**

Momus, je suis aymé  
de l'Objet qui me blesse,  
Et l'Hymen va bientôt,  
par ses aymables nœuds  
Achever de me rendre heureux,  
Si j'y fais consentir Plutus  
et la Jeunesse.

**ON ENTEND UNE SYMPHONIE.****ÁRIA**

Vês esta encantada estância,  
O repouso reina nestas margens;  
A Abundância sacia aqui  
a indolente volúpia,  
Do rochedo que avistas,  
o pacífico Letes  
Espalha até aos infernos  
suas ondas fugitivas;  
Pluto e a Juventude  
nesta encantadora morada,  
Saboreiam um destino isento de penas:  
Desde há muito, o fiel Amor  
Enleou-os com as suas  
mais doces correntes,  
E a amável Loucura aqui viu o dia.

**MOMO**

O quê?! que segredo enfim  
seguirá esta imagem?

**O CARNAVAL**

Caro Momo, a Loucura  
é o Objeto do meu amor.

**MOMO, RINDO**

Que bela é a vossa escolha!  
que doces são os vossos laços!  
Não havíeis de escolher  
Amante mais bela:  
Somente ela é digna de vós,  
E somente vós sois digno dela.  
Que bela a vossa escolha!  
Que doces os vossos laços!

**O CARNAVAL**

Momo, sou amado  
pelo Objecto que me fere;  
E o Himeneu vai em breve,  
com seus ternos nós,  
Completar a minha ventura,  
Se eu fizer com que Pluto  
e a Juventude o consintam.

**OUVE-SE UMA SINFONIA.**

Mais, ils viennent au bruit  
de ces concerts charmants,  
Le temps n'affaiblit  
point leur flâme:  
Il semble que l'Amour  
lance à tous les moments  
Quelque trait nouveau  
dans leur ame.

**SCÈNE TROISIÈME**

PLUTUS, LA JEUNESSE,  
MOMUS, LE CARNAVAL.

**SUITE DE PLUTUS ET DE LA JEUNESSE.****PLUTUS**

Jeunesse brillante,  
Tous les Plaisirs suivent vos pas;  
Sans vous rien ne contente.  
Vous donnez à tout mille appas:  
Il n'est point dans les Cieux  
de Déesses si belles.  
Le charme de la nouveauté  
Accompagne toujours  
vos grâces immortelles:  
Vous êtes la seule Beauté  
Qui peut faire des coeurs fidelles.

**LA JEUNESSE**

Aymable Dieu, de qui la main dispense  
Ce qui rend les Mortels heureux:  
Vôtre vaste puissance  
Réunit pour vous tous les vœux:  
En vous cherchant la peine devient chère:  
On se fait de vous voir le plus  
charmant plaisir:  
Le bonheur même de vous plaire  
En irrite encore le désir.

**PLUTUS ET LA JEUNESSE**

Amour, de nôtre flâme  
accroy la violence;  
Vole, viens resserrer nos nœuds:  
Pour le prix de nôtre constance,  
Nous ne voulons qu'être plus amoureux.  
Vole viens resserrer nos nœuds:

Mas, ei-os que chegam  
ao som de doces concertos,  
O tempo não diminui  
em nada a sua chama:  
É como se o Amor lançasse  
a todo o momento  
Uma renovada lança  
nas suas almas.

**CENA III**

PLUTO, A JUVENTUDE,  
MOMO, O CARNAVAL.

**SÉQUITO DE PLUTO E D'A JUVENTUDE.****PLUTO**

Juventude brilhante,  
Todos os Prazeres seguem  
os vossos passos;  
Sem vós nada contenta.  
Vós dais a tudo mil encantos.  
Não há nos Céus Deusas tão belas.  
O encanto da novidade  
Acompanha sempre  
as vossas graças imortais:  
Vós sois a única Beleza  
Que faz os corações fiéis.

**A JUVENTUDE**

Amável Deus, que com a mão dispensa  
Aquilo que faz os Mortais felizes:  
O vosso vasto poder  
Reúne em vós todos os votos:  
E ao procurar-vos a pena encarece:  
A ideia de vos ver é para todos  
um prazer:  
A própria felicidade de vos agradar  
Inflama ainda mais o desejo.

**PLUTO E A JUVENTUDE**

Amor, aumenta o ímpeto  
da nossa chama;  
Voa, vem estreitar os nossos laços:  
Pelo preço da nossa constância,  
Queremos ser ainda mais apaixonados.  
Voa, vem estreitar os nossos laços:

PLUTUS

**Que tout vous parle icy  
de l'ardeur qui m'enchanté,  
Déesse, voyez en ces lieux  
S'élever à ma voix puissante,  
Un palais digne de vos yeux.**

LE THÉÂTRE REPRÉSENTE LE PALAIS  
DE PLUTUS.

**Vous qui suivez mes pas,  
servez l'amour extrême,  
Où mon cœur s'est abandonné;  
Apportez tous les biens  
que le sort m'a donné  
Aux pieds de la beauté que j'aime.**

LES SUIVANTS DE PLUTUS VIENNENT  
OFFRIR DE RICHES PRÉSENTS  
À LA JEUNESSE, ET SE RÉUNIR  
AVEC SA SUITE, POUR RENDRE  
LEURS HOMMAGES.

**AIR POUR LA SUITE DE PLUTUS  
MENUET**

## SCÈNE QUATRIÈME

LA FOLIE ET LES ACTEURS  
DE LA SCÈNE PRÉCÉDENTE.

LA FOLIE TROUBLANT LA FESTE  
**Cessez, Jeux indiscrets,  
où manquoit la Folie;  
Qu'icy tout se taise à ma voix.  
Je ne veux point souffrir  
de feste où l'on m'oublie,  
Et l'on ne doit icy rire  
que sous mes loix**

PLUTUS ET LA JEUNESSE  
**Quoy! vous osez. . .**

PLUTO

**Que tudo aqui demonstre  
o ardor que me encanta,  
Deusa, vede neste local  
Elevar-se ao som da minha voz potente,  
Um palácio digno dos vossos olhos.**

O TEATRO REPRESENTA O PALÁCIO  
DE PLUTO.

**Vós que seguís os meus passos,  
servi o Amor extremado,  
Onde o meu coração se abandonou;  
Consagrai todos os bens  
que a sorte me deu  
Aos pés da beleza que tanto amo.**

OS SEGUIDORES DE PLUTO  
VÊM OFERECER RICOS PRESENTES  
À JUVENTUDE E JUNTAM-SE  
AO SEU SÉQUITO PARA LHES PRESTAR  
HOMENAGENS.

**ÁRIA PARA A SUITE DE PLUTO  
MINUETO**

## CENA IV

A LOUCURA E OS ATORES  
DA CENA ANTERIOR.

A LOUCURA PERTURBANDO A FESTA  
**Cessai, indiscretos Jogos,  
onde faltava a Loucura;  
Que tudo aqui se cale  
ao som da minha voz.  
Não irei tolerar uma festa  
onde sou esquecida,  
E aqui se rirá segundo as minhas leis.**

PLUTO E A JUVENTUDE  
**O quê?! ousais...**

LA FOLIE

**En vain ce discours vous offense.  
Je dois la vie à vôtre amour,  
Mais ne me comptez  
pas sous vôtre obéissance:  
L'honneur de m'avoir mise au jour,  
Vous paye assez de ma naissance.  
Abandonnez cette Isle,  
ou m'y laissez régner.**

PLUTUS

**Hé bien, il faut céder à vôtre Violence;  
Puisque de vous guérir nous perdons  
l'Espérance,  
Il est temps de nous éloigner.**

LA FOLIE

**Demeurez, il suffit  
de vôtre obéissance.  
Que vôtre règne recommence;  
Revenez doux Plaisirs, Plaisirs,  
revenez tous;  
Mais revenez encor plus doux;  
Vous languissiez sans moy;  
brillez par ma présence.**

ON DANSE

LA FOLIE, LE CARNAVAL.

**Chantons: du Dieu de l'Or  
célébrons les appas;  
Chantons la Jeunesse et ses charmes.**

CHŒUR

**Tous les Cœurs luy rendent les armes.**

LA FOLIE, LE CARNAVAL

**Tous les Cœurs volent sur ses pas.**

CHŒUR

**Pour mériter son secours favorable,  
On brave la fureur et des vents  
et des mers.**

LA FOLIE, LE CARNAVAL

**Elle seule embellit  
les plus affreux déserts,  
Et sans elle, il n'est point  
de séjour agréable.**

A LOUCURA

**Em vão este discurso vos ofende.  
Devo a vida ao vosso amor,  
Mas não conteis  
com a minha obediência:  
A honra de me ter dado à luz,  
Já vos paga bastante do meu nascimento.  
Abandonai esta Ilha,  
ou nela deixai que reine.**

PLUTO

**Pois bem, há que ceder à vossa Violência;  
Posto que de vos curar já perdemos  
a Esperança,  
O tempo da nossa partida é chegado.**

A LOUCURA

**Ficai, a vossa  
obediência é suficiente.  
Que recomece o vosso reino;  
Regressai doces Prazeres, Prazeres,  
regressai todos;  
Mas voltaí mais doces ainda;  
Sem mim vós declinai,  
brilhai pela minha presença.**

DANÇA-SE

A LOUCURA, O CARNAVAL

**Cantemos: do Deus do Ouro  
celebremos as delícias;  
Cantemos a Juventude e seus encantos**

CORO

**Todos os corações lhe entregam as armas.**

A LOUCURA, O CARNAVAL

**Todos os corações voam no seu encaço.**

CORO

**Para merecer o seu auxílio favorável,  
Desafiamos o furor dos ventos  
e dos mares.**

A LOUCURA, O CARNAVAL

**Só ela embeleza  
o mais terrível dos desertos,  
E sem ela, nenhum local  
é agradável.**

CHŒUR

**Non, non, tout l'univers  
N'a rien de plus aymable.**

LA FOLIE

**Non, non, tout l'univers  
N'a rien de plus aymable.**

CHŒUR

**Non, non, tout l'univers  
N'a rien de plus aymable.**

**GAVOTTE**

LA FOLIE

**Souffrez que l'Amour vous lie,  
Jeunes Cœurs, cédez à ses feux:  
Sans l'Amour et la Folie,  
Il n'est point de moments heureux.  
Suivez une erreur charmante,  
Jouissez d'un bonheur constant;  
La tendre Folie enchante,  
La Sagesse en fait-elle autant?  
Souffrez que l'Amour vous lie,  
Jeunes Cœurs, cédez à ses feux:  
Sans l'Amour et la Folie,  
Il n'est point de moments heureux.**

LE CARNAVAL

**Vous voyez, Dieux charmants,  
la Déesse que j'aime,  
C'est à vous de régler ses vœux;  
Elle daigne répondre  
à ma tendresse extrême,  
Consentez que l'hymen  
nous unisse tous deux.**

PLUTUS ET LA JEUNESSE

**Tout flâte vos désirs,  
nous approuvons vos feux.  
Vôtre sort désormais  
dependra d'Elle meme.**

LA FOLIE SORT.

CORO

**Não, não, em todo o universo  
Não há nada de mais amável.**

A LOUCURA

**Não, não, em todo o universo  
Não há nada de mais amável.**

CORO

**Não, não, em todo o universo  
Não há nada de mais amável.**

**GAVOTTE**

A LOUCURA

**Deixai que o Amor vos enleie,  
Jovens corações, cedei aos seus fervores:  
Sem o Amor e a Loucura,  
Não há momentos felizes.  
Segui um erro encantador,  
Gozai de uma felicidade constante;  
A singela Loucura encanta,  
Pode a Sabedoria gabar-se do mesmo?  
Deixai que o Amor vos enleie,  
Jovens corações, cedei aos seus fervores:  
Sem o Amor e a Loucura,  
Não há momentos felizes.**

O CARNAVAL

**Vós vedes, Deuses encantadores,  
a Deusa que amo,  
Cabe a vós realizar os seus votos;  
Ela concede responder  
à minha extrema ternura,  
Consenti enfim que  
o Himeneu nos una.**

PLUTO E A JUVENTUDE

**Tudo favorece vossos desejos,  
aprovamos as vossas chamadas.  
Só dela dependerá  
agora o vosso destino.**

A LOUCURA SAI.

LE CARNAVAL

**Belle Déesse...  
O Ciel! elle a quitté ces lieux.  
De mon aveu sa pudeur s'est blessée  
Elle a fui des Discours qui l'ont  
embarassée;  
Elle veut dérober ses transports  
à mes yeux.**

CHŒUR

**Au Dieu d'Amour livrez vôte ame,  
Le plaisir naît de ses ardeurs;  
Qu'il triomphe, qu'il vous enflâme,  
Qu'il enchaîne à jamais vos cœurs.**

FIN DU ACTE PREMIÈRE.

**ACTE DEUXIÈME**

LE THÉÂTRE REPRÉSENTE  
UNE CAMPAGNE FÉRTILE.  
ON VOIT SUR LE DEVANT,  
D'UN DES CÔTÉS DU THÉÂTRE,  
LE FLEUVE LÉTHÉ ENDORMISUR  
SON URNE, ET AU FONDS, LA MER.

**SCÈNE PREMIÈRE****PRÉLUDE****SCÈNE DEUXIÈME**

LE CARNAVAL, ET LA FOLIE.

LE CARNAVAL  
**Enfin la Beauté que j'adore,  
Va s'unir avec moy  
par les nœuds les plus doux.  
L'hymen va soulager le feu  
qui nous dévore;  
Que nous serons d'heureux Epoux!**

LA FOLIE

**Nous ne le sommes pas encore.**

O CARNAVAL

**Bela Deusa...  
Ó Céu! Ela deixou estas terras  
A minha confissão feriu o seu pudor  
Fugiu dod Discursos que  
a embaraçaram;  
E a meus olhos quer esconder  
os seus enleios.**

CORO

**Ao Deus do Amor entregai a vossa alma,  
Dos seus fervores nasce o prazer,  
Que ele triunfe, que ele vos inflame,  
Que ele prenda os vossos corações  
para sempre.**

FIM DO ATO I.

**ATO II**

O TEATRO REPRESENTA  
UM CAMPO FÉRTIL.  
NUM DOS LADOS DO TEATRO,  
À FRENTE, VÊ-SE O RIO LETES  
ADORMECIDO SOBRE A SUA URNA  
E, AO FUNDO, O MAR.

**CENA I****PRELÚDIO****CENA II**

O CARNAVAL E A LOUCURA.

O CARNAVAL  
**Por fim a Beldade que adoro,  
Vai unir-se comigo pelos  
mais doces laços.  
O Himeneu vai aliviar  
o fogo que nos devora;  
Que ditosos esposos seremos!**

A LOUCURA

**Ainda não o somos.**

LE CARNAVAL

**Plutus et la Jeunesse  
approuvent mon ardeur;  
Quel autre peut encor me nuire?**

LA FOLIE

**Moy.**

LE CARNAVAL

**Vous?**

LA FOLIE

**J'allois sans eux faire vôtre bonheur;  
Leur aveu vient de le détruire.**

LE CARNAVAL

**Vous voulez rire.**

LA FOLIE

**Non, non, apprenez une fois  
A connoître mieux la Folie;  
Je ne suis point soumise aux loix  
De ceux qui m'ont donné la vie,  
Le contraire de leur Envie,  
Détermine toujourns mon choix.**

LE CARNAVAL

**Sont-ce-là les plaisirs  
où l'hymen me convie...**

LA FOLIE

**Cet hymen, ces plaisirs  
ne sont plus de saison.**

LE CARNAVAL

**Quoy! vous changez,  
Perfide! et par quelle injustice!...**

LA FOLIE

**Je vous aimoys sans raison,  
Et je change par caprice.**

LE CARNAVAL

**Ciel, me réserviez-vous  
à ce cruel supplice!**

LA FOLIE

**J'entends vôtre cœur soupirer  
De l'excès de vôtre martire?  
Goûtez, si vous voulez  
le plaisir d'en pleurer;  
Mais, laissez-moy celuy d'en rire.**

O CARNAVAL

**Pluto e a Juventude  
aprovam a nossa paixão;  
Que outro poderá ainda prejudicar-me?**

A LOUCURA

**Eu.**

O CARNAVAL

**Vós?**

A LOUCURA

**la sem eles dar-vos a felicidade;  
A sua aprovação acabou de a destruir.**

O CARNAVAL

**Quereis rir.**

A LOUCURA

**Não, não, aprendei de uma vez por todas  
A conhecer melhor a Loucura;  
Eu não me submeto às leis  
Daqueles que me deram a vida,  
O oposto da sua Vontade  
Determina sempre a minha escolha.**

O CARNAVAL

**São estes os prazeres  
para onde Himeneu me convida...**

A LOUCURA

**Este Himeneu, esses prazeres  
estão fora de época.**

O CARNAVAL

**O quê?! mudais,  
Pérfida! e por tamanha injustiça...**

A LOUCURA

**Amava-vos sem razão,  
E transformo-me por mero capricho.**

O CARNAVAL

**Céus, reserváveis-me  
esse cruel suplicio!**

A LOUCURA

**Ouçõ o vosso coração suspirar  
Do martírio excessivo que vos aflige?  
Saboreai, se quereis,  
o prazer de chorar,  
A mim deixai-me o prazer de rir.**

LE CARNAVAL

**Non, non, n'espérez  
pas jouïr de mes douleurs.  
Je dégage mon cœur,  
et je vous rends le vôtre,  
Ce n'est plus qu'au dépit  
que je veux me livrer.  
Amour, cesse de m'assurer,  
Que nous estions faits  
l'un pour l'autre.  
Je dégage mon cœur,  
et je vous rends le vôtre,  
Ce n'est plus qu'au dépit  
que je veux me livrer.**

LA FOLIE

**Vous pouvez éprouver le charme,  
Des ondes dont ce fleuve  
arrose ces côteaux:  
Ne croyez pas que vôtre  
oubly m'allarme,  
Ma beauté me promet  
mille Esclaves nouveaux.**

LE CARNAVAL

**Vous serez contente,  
Inhumaine, J'éteindray tous  
les feux dont mon cœur est rempli;  
Indigne d'amour et de haine,  
Vous ne méritez que l'oubly.  
Fuyons, souffrons enfin  
que la Raison me guide.  
Je vais loin de vos yeux  
briser d'indignes fers:  
Je vais entre nous deux, Perfide,  
Mettre tout l'espace des Mers.**

IL SORT

LA FOLIE

**Ah! n'ayons pas l'affront  
que l'on me quitte,  
Neptune, tu me dois  
l'hommage des Mortels;  
C'est moy qui par leurs  
mains ay dressé tes Autels,  
Refuse ton onde à sa fuite.**

O CARNAVAL

**Não, não, não espereis  
desfrutar das minhas dores.  
Eu liberto o meu coração,  
e devolvo-vos o vosso,  
Nada mais quero  
do que entregar-me ao despeito.  
Amor, para de me garantir  
Que éramos feitos  
um para o outro.  
Eu liberto o meu coração,  
e devolvo-vos o vosso,  
Nada mais quero do que  
entregar-me ao despeito.**

A LOUCURA

**Vós podeis experimentar o encanto,  
Das ondas com que este  
rio banha as encostas:  
Não julgueis que o vosso  
desdém me alarma,  
Mil novos Escravos me promete  
a minha beleza.**

O CARNAVAL

**Irei contentar-vos,  
Inumana, Extinguirei o fogo  
que enche o meu coração;  
Indigna de amor e de ódio,  
Não mereceis mais do que o desdém.  
Fujamos, aceitemos por fim  
que a Razão me guie.  
Vou, longe de vossos olhos,  
quebrar indignos grilhões:  
Vou, entre nós dois, Pérfida,  
Interpor todo o espaço dos Mares**

SAI

A LOUCURA

**Ah! Não sofrerei a afronta  
de ser abandonada,  
Neptuno, a mim deve  
a homenagem dos Mortais;  
Fui eu que com suas mãos  
erigi os teus Altares,  
Nega a tua onda à sua fuga.**

LA MER SE SOULÈVE  
ET LES VENTS GRONDENT.

LA FOLIE  
**Vous voyez mon pouvoir;  
tous les Vents furieux  
Ont troublé le repos de l'Onde,  
La Terre tremble, le Ciel gronde,  
Les flots s'élèvent jusqu'aux Cieux.**

CHŒUR DE MATELOTS  
QUI FONT NAUFRAGE  
**Ciel! Juste Ciel!**

LA FOLIE  
**Quels Malheureux périssent[?]**

CHŒUR  
**Mille abîmes profonds  
s'offrent à nos regards;  
Les Ondes et la mort  
entrent de toutes parts:  
Dieux! ô Dieux! que nos cris,  
que nos vœux, vous fléchissent!**

UNE TROUPE DE MATELOTS  
DESCENDENT [SIC] D'UN VAISSEAU  
ÉCHOÛÉ.

OS MARES ALTEIAM-SE  
E O VENTO RUGE.

A LOUCURA  
**Vós vedes o meu poder;  
todos os ventos irados  
Turbaram o repouso da Onda,  
A Terra treme, o Céu ruge,  
As vagas elevam-se até aos Céus.**

CORO DE MARINHEIROS  
QUE NAUFRAGAM  
**Céu! Justo Céu!**

A LOUCURA  
**Que Infelizes perecem?**

CORO  
**Mil abismos oferecem-se  
ao nosso olhar;  
As Ondas e a morte entram  
por todos os lados:  
Deuses! Ó Deuses! Que os nossos  
clamores e votos vos acalmem!**

UMA TRUPE DE MARINHEIROS  
DESEMBARCA DE UM NAVIO  
ENCALHADO.

CHŒUR  
**Embarquons-nous,  
tout rit à nos désirs,  
Le Vent propice nous seconde,  
La Fortune et tous les Plaisirs  
Nous attendent au bout du monde.**

LA FOLIE  
**Arrêtez, Ingrats, arrêtez;  
Et du moins en partant,  
rendez-moy vôtre hommage.  
C'est moy qui vous trace l'image,  
Des biens et des plaisirs que  
vous vous promettez,  
Et vôtre Espoir  
est mon ouvrage:  
Arrêtez, Ingrats, arrêtez;  
Et du moins en partant,  
rendez-moy vôtre hommage.**

LES MATELOTS LUY RENDENT LEUR  
HOMMAGE. ELLE LES TOUCHE  
DE SA MAROTTE; CE QUI LEUR  
DONNE UNE NOUVELLE ARDEUR.

**AIR**  
**AIR DOUX**

LA FOLIE  
**Vents qui ne troublez point les flots,  
Régnez sur les humides plaines:  
Fuyez, Vents orageux,  
laissez l'Onde en repos;  
Eole, resserre leurs chaînes.**

PETIT CHŒUR  
**Vents qui ne troublez point les flots,  
Régnez sur les humides plaines:**

CHŒUR  
**Fuyez, Vents orageux,  
laissez l'Onde en repos;  
Eole, resserre leurs chaînes.**

LES MATELOTS SE REMBARQUENT.

CORO  
**Embarquemos, tudo sorri  
aos nossos desejos,  
O Vento propício nos assiste,  
A Fortuna e todos os Prazeres  
Nos esperam no fim do mundo.**

A LOUCURA  
**Cessai, ingratos, cessai;  
E pelo menos ao partir,  
presta-me a vossa homenagem.  
Sou eu que vos desenha a imagem,  
Dos bens e dos prazeres  
que a vós mesmos prometeis,  
E a vossa Esperança  
é também obra minha.  
Cessai, Ingratos, cessai;  
E pelo menos ao partir,  
presta-me a vossa homenagem.**

OS MARINHEIROS PRESTAM-LHE  
HOMENAGEM. ELA TOCA-OS  
COM O SEU CEPTRÔ;  
O QUE LHE TRAZ UM NOVO ARDOR.

**ÁRIA**  
**ÁRIA DOCE**

A LOUCURA  
**Ventos que em nada agitais as ondas,  
Reinai sobre as húmidas planícies:  
Fugi, Ventos tumultuosos,  
deixai a Onda em paz;  
Éolo, estreita os seus grilhões.**

PEQUENO CORO  
**Ventos que em nada agitais as ondas,  
Reinai sobre as húmidas planícies:**

CORO  
**Fugi, Ventos tumultuosos,  
deixai a Onda em paz;  
Éolo, estreita os seus grilhões.**

OS MARINHEIROS EMBARCAM.

## SCÈNE TROISIÈME

LA FOLIE, LE CARNAVAL,  
LE CHEF DES MATELOTS,  
ET LES CHŒURS.

LA FOLIE, AU CARNAVAL  
**Ce sont mes Favoris  
que vous voyez venir;  
L'orage sur ces bords  
les contraint de descendre:  
Ne vous éloignez pas,  
ils pourront vous apprendre  
A perdre un triste Souvenir.**

CHŒUR  
**Que les Vents, loin de nous,  
exercent leur ravage;  
Évitons à jamais  
les Ecueils et l'orage.**

## CENA III

A LOUCURA, O CARNAVAL,  
O CHEFE DOS MARINHEIROS  
E OS COROS.

A LOUCURA, PARA O CARNAVAL  
**Eis que aparecem  
os meus Favoritos;  
A tormenta fê-los desembarcar  
nestas praias;  
Não vos afastéis,  
eles poderão vos ensinar  
A dissipar uma triste Lembrança.**

CORO  
**Que os Ventos, longe de nós,  
exerçam a sua devastação;  
Evitemos para sempre  
os Escolhos e o temporal.**

## SCÈNE QUATRIÈME

LE CARNAVAL, LA FOLIE.

LE CARNAVAL

La raison contre vous  
n'a que de foibles armes,  
Je ne puis vaincre mon ardeur;  
Les efforts que je fais pour  
oublier vos charmes,  
Les gravent encore mieux  
dans le fond de mon cœur:  
Il est temps qu'à mes feux  
vôtre caprice cède,  
Commencez mes plaisirs,  
et terminez mes maux.

LA FOLIE

Je vous laisse avec le remède,  
Vos yeux vous ont appris  
le pouvoir de ces eaux.

## SCÈNE CINQUIÈME

LE CARNAVAL SEUL

Ouy, Cruelle, il est temps  
que mon dépit éclate:  
Puisons icy l'oubly  
de mes folles Amours,  
Mais non, pour oublier l'Ingratte,  
Le Vin est le plus sûr secours.  
Estein mes feux, brise ma Chaîne;  
Dieu du Vin, guery ma langueur;  
Verse, verse à longs traits  
ta charmante liqueur;  
Et pour me venger de ma peine,  
Vien noyer l'Amour dans mon cœur.  
Je vais chercher Momus;  
je veux qu'à tasse pleine,  
Il m'aide à triompher  
de mon indigne ardeur.  
Bacchus, rends aujourd'huy  
ma victoire certaine,  
Verse, verse à longs-traits  
ta charmante liqueur;  
Et pour me venger de ma peine,  
Vien noyer l'Amour dans mon cœur.

FIN DU ACTE DEUXIÈME.

## CENA 4

O CARNAVAL, A LOUCURA.

O CARNAVAL

Contra vós a razão dispõe  
apenas de fracas armas,  
Não pude vencer o meu ardor;  
O empenho com que tento  
esquecer os vossos encantos,  
Gravam ainda mais fundo  
no meu coração:  
É chegado o tempo em que o vosso  
capricho ceda aos meus ardores,  
Dai início aos meus prazeres  
e fim aos meus males.

A LOUCURA

Deixo-vos com o remédio,  
Os vossos olhos testemunharam  
o poder destas águas.

## CENA V

O CARNAVAL, SÓ

Sim, Cruel, é tempo  
que o meu despeito se desfaça:  
Busquemos aqui o esquecimento  
para meus Amores insanos,  
Mas não, para esquecer a Ingrata,  
O vinho é o mais eficaz refrigerio.  
Extingue o meu fulgor,  
quebra o meu Grilhão;  
Deus do Vinho, cura a minha languidez,  
Derrama, faz jorrar o teu delicioso licor,  
E para me vingar da desdita,  
Vem no meu peito afogar o Amor.  
Vou em busca de Momos;  
quero que ele, de copo cheio,  
Me auxilie a triunfar  
sobre o meu indigno ardor.  
Baco, assegura hoje  
a minha vitória.  
Derrama, faz jorrar  
o teu delicioso licor,  
E para me vingar da desdita,  
Vem no meu peito afogar o Amor.

FIM DO ATO II.

## ACTE TROISIÈME

LE THÉÂTRE REPRÉSENTE  
LE PALAIS DE LA FOLIE.

## SCÈNE PREMIÈRE

MOMUS SEUL.

PRÉLUDE

A de nouveaux transports  
mon Ami s'abandonne;  
La table et mes conseils  
n'ont pû l'en garentir,  
Pour servir son amour  
il m'en a fait sortir.  
Du moins dans l'employ  
qu'il me donne,  
Cherchons de quoy m'en divertir.

MAIS, LA DÉESSE VIENT.

## SCÈNE DEUXIÈME

MOMUS, LA FOLIE.

MOMUS

Cruelle, à quel tourment  
Avez-vous livré vôtre Amant!

AIR

Ce n'est plus cet aymable Maître  
Qui sçavoit nous instruire  
à noyer nos chagrins:  
Au milieu même des festins,  
Il sent son désespoir s'accroître;  
Le verre luy tombe des mains,  
L'Univers va le méconnoître.

LA FOLIE

Quoy! Momus.

MOMUS

Vôtre trahison  
L'a mis dans un trouble effroyable.

## ATO III

O TEATRO REPRESENTA  
O PALÁCIO DA LOUCURA.

## CENA I

MOMO, SÓ.

PRELÚDIO

A novos enleios  
o meu amigo se entrega;  
A mesa e os meus conselhos  
não o beneficiaram,  
Para servir o seu amor  
ele me expulsou.  
Pelo menos, no emprego que me deu,  
Busquemos algo em que me possa  
divertir.

MAS, A DEUSA VEM.

## CENA II

MOMO, A LOUCURA.

MOMO

Cruel, a que tormento  
Haveis entregado o vosso Amante!

ÁRIA

Já não é aquele amável Mestre  
Que sabia instruir-nos  
a afogar as nossas mágoas:  
Mesmo no meio dos banquetes,  
Ele sente o seu desespero crescer;  
O cálice tomba-lhe das mãos,  
O Universo vai desprezá-lo.

A LOUCURA

O quê?! Momo.

MOMO

A vossa traição  
Lançou-o num terrível tumulto.

LA FOLIE

Ah! s'il en perdoit la raison;  
Que je le trouverois aymable!

MOMUS

Si pour vous sa folie  
est un charme si doux,  
Il est depuis long-temps  
digne de vôtre flamme:  
Le jour qu'il soupira  
pour vous,  
La raison sortit  
de son ame.

LA FOLIE

Cessez donc de plaindre des feux  
Qui l'ont débarassé d'une raison cruelle:  
N'est-il pas encor trop heureux,  
D'être délivré d'elle?

MOMUS

Insultez-vous encore à son trouble  
amoureux?

LA FOLIE

La raison sur un Cœur  
n'est qu'un bien rigoureux,  
Et sa perte est un doux dommage;  
Vous même, seriez-vous heureux?  
Si vous étiez plus sage?

MOMUS

Quittons des détours superflus,  
C'est assez éprouver vôtre ame;  
Si vous m'aviez parû trop  
sensible à sa flâme,  
Je vous aurois caché qu'il  
ne vous aime plus.

LA FOLIE

Quoy!

MOMUS

De son Cœur l'Amour  
n'est plus le maître,  
Ces Eaux que vous-même...

LA FOLIE.

Ah! le Traître!

MOMUS

Elles ont fini son tourment.

A LOUCURA

Ah! Se ele perdesse a razão;  
Como ele se me tornaria amável!

MOMO

Se para vós a sua loucura  
é um tão doce encanto,  
Então já há muito que ele  
é digno da vossa paixão:  
Desde o dia em que primeiro  
suspirou por vós,  
A razão abandonou  
de vez a sua alma.

A LOUCURA

Cessai de lamentar os fogos  
Que o livraram de uma razão cruel:  
Não está ele radiante,  
Por se ter libertado dela?

MOMO

Mais uma vez insultais o seu tumulto  
amoroso?

A LOUCURA

Para o Coração, a razão  
é um cruel bem,  
A sua perda um doce dano;  
Vós mesmo, sereis vós ditosos?  
Se fósseis mais sábio?

MOMO

Abandonemos estes atalhos supérfluos,  
Basta de esforçar a vossa alma;  
Se me parecêsseis tão sensível  
ao seu amor,  
Teria escondido de vós que ele  
já não vos ama.

A LOUCURA

O quê?!

MOMO

O Amor já não rege  
o seu Coração,  
Estas Águas que vós mesmo...

A LOUCURA

Ah! o Traidor!

MOMO

Elas puseram fim ao seu tormento.

LA FOLIE

Juste Ciel! puis-je croire  
un si grand changement?

MOMUS

L'oubly succede aux feux  
que vous aviez fait naître;

LA FOLIE

C'en est donc fait, tu n'es  
plus sous ma loy:  
Ingrat, tous tes serments  
sont autant de parjures;  
Si j'avois outragé ta foy,  
Qui t'empechoit, Cruel,  
d'éclater en murmures:  
Il falloit m'accabler d'injures,  
C'auroit été du moins  
te souvenir de moy.  
Je ne me connois plus dans  
ma douleur profonde;  
Que tout sente avec moy  
mes déplaisirs cruels;

PRÉLUDE

Abandonnons le soin du monde,  
A la triste Raison livrons tous  
les Mortels.  
Déchirons, déchirons le Voile Salulaire  
Qu'au devant de leurs yeux  
je déployois toûjours;  
Et que privez de mon secours,  
Ils sentent, comme moy,  
l'excès de leur misere.  
Abandonnons le soin du monde,  
A la triste Raison livrons tous  
les Mortels.

ELLE JETTE SA MAROTTE

Vous, allez Sceptre vain,  
dont j'impose mes loix,  
Vous n'êtes plus pour moy  
qu'un inutile poids;  
Que sert tout cet Eclat,  
que sert mon rang supreme,  
Quand l'Ingrat que j'aimois  
m'ose sacrifier?  
Ah! puisqu'il a pô m'oublier,  
Je voudrois m'oublier moy-même!  
Elle se laisse tomber.

A LOUCURA

Justo Céu! Como acreditar  
numa tão grande mudança?

MOMO

O esquecimento succede  
às chamas que haveis acendido;

A LOUCURA

Está feito, já não estás  
sob a minha lei:  
Ingrato, as tuas juras mais  
não são que perjúrios;  
Se eu tivesse ultrajado a tua fé,  
Quem te impediria, Cruel,  
de rebentar em murmúrios:  
Foi preciso castigar-me com injúrias,  
Lembrar-te de mim  
teria sido o mínimo.  
Já não me reconheço  
na minha dor profunda;  
Que o Mundo partilhe  
comigo estes cruéis rigores;

PRELÚDIO

Abandonemos os cuidados do Mundo;  
À triste Razão entreguemos os Mortais.  
Rasguemos o Salutar Veu  
Que diante de seus olhos  
eu eternamente mantinha;  
E que, assim, privados  
do meu socorro,  
Eles sintam, como eu,  
o excesso da sua miséria.  
Abandonemos os cuidados do Mundo;  
À triste Razão entreguemos  
os Mortais.

DESFAZ-SE DO SEU CEPTRÓ

Vós, ide Ceptro fútil,  
com que imponho as minhas leis,  
Mas não sois para mim  
do que um peso inútil;  
Para quê todo este esplendor,  
esta estirpe suprema,  
Quando o ingrato que amava  
ousa sacrificar-me?  
Ah! Já que pôde esquecer-me,  
Quero esquecer-me  
de mim própria.

MOMUS REPRENANT LA MAROTTE

**Cet ornement peut servir  
mes désirs;  
Mais, j'ay pitié du trouble  
où son ame se livre.  
Vous, qu'elle a choisi pour la suivre,  
Venez, et par vos chants calmez  
ses déplaisirs.**

**TAMBOURIN**

(...)

MOMO, RECOLHENDO O CEPTRO

**Este ornamento pode servir  
os meus intentos;  
Mas lamento a aflição  
a que a sua alma se entrega.  
Vós, que ela escolheu como séquito,  
Vinde e acalmai seus rigores  
com vossos cantos.**

**TAMBOURIN**

(...)

LE CARNAVAL

**Ciel!**

MOMUS

**Epargnez-vous une plainte frivole;  
Que le Dieu du Vin vous console,  
Du cœur d'une ingrata Beauté:  
Que pour ce Dieu charmant  
vôtre ardeur se réveille;  
Venez, courez au Vin  
que vous avez quitté;  
Vous trouverez au fond de la bouteille,  
Le repos et la liberté.**

IL SORT.

O CARNAVAL

**Céus!**

MOMO

**Poupai-vos um frívolo queixume,  
Que o Deus do Vinho vos console,  
Do coração de uma ingrata Beldade:  
Que por este Deus encantador  
o vosso fogo aumente;  
Vinde, acorrei junto do vinho  
que haveis deixado,  
Ireis encontrar no fundo da garrafa  
O repouso e a liberdade.**

SAI.

## SCÈNE CINQUIÈME

MOMUS, LE CARNAVAL.

**PRÉLUDE**

LE CARNAVAL

**Qu'apprendray-je, Momus,  
de l'Objet de mes vœux?**

MOMUS

**Je viens d'en triompher sans peine,  
L'Amour a dans son cœur  
fait naître mille feux;  
Et pour éterniser sa chaîne,  
Elle veut que l'hymen y joigne  
encor ses nœuds.**

LE CARNAVAL

**Ah Momus! cher Momus, que tu me  
rends heureux!**

MOMUS

**Du nouvel amour qui l'engage,  
Elle suivra toujours la Loy:  
Son cœur désormais moins volage,  
M'a juré de n'aimer que moy.**

LE CARNAVAL

**Qui vous?**

MOMUS

**Reconnaissez ce gage de sa foy.**

## CENA V

MOMO, O CARNAVAL.

**PRELÚDIO**

O CARNAVAL

**Que me dirás, Momo,  
do Objecto dos meus votos?**

MOMO

**Acabo de, sobre ela, triunfar sem esforço;  
O Amor fez brotar mil fogos  
no seu coração;  
E para eternizar os seus laços,  
Ela quer que o Himeneu  
una os seus laços.**

O CARNAVAL

**Ah, Momo! caro Momo,  
como me fazes feliz!**

MOMO

**Do novo amor que a cativa,  
Ela seguirá sempre a Lei:  
O seu coração agora menos volúvel,  
Jurou amar-me só a mim.**

O CARNAVAL

**Quem, vós?**

MOMO

**Reconheci esta prova da sua fé.**

## SCÈNE SIXIÈME

LE CARNAVAL SEUL

**Le suivray-je?... Mais quoy!  
laisser une Volage  
S'applaudir en repos  
de m'oser outrager?  
Non, il faut la punir,  
c'est mériter l'outrage,  
Que de n'oser pas s'en venger.  
Toy, sombre et triste Hyver,  
Divinité puissante;  
Si jamais sur tes pas  
j'ay conduit les Plaisirs:  
Si par mes soins ton règne enchante,  
Plus que le règne heureux  
de Flore et des Zéphirs:  
Reconnois mes faveurs  
au gré de mes désirs;  
Rends aujourd'huy  
ma vengeance Eclatante.  
Volez, volez rapides Aquilons,  
Faites sur ce Palais les effets  
de la foudre;  
Qu'il se brise, qu'il tombe  
en poudre:  
Elevez en ces lieux  
d'horribles tourbillons.**

LES VENTS BRISENT LE PALAIS.

FIN DU ACTE QUATRIÈME.

## CENA VI

O CARNAVAL, SÓ

**Devo segui-lo?... Mas quê!  
deixar uma Volúvel  
Celebrar em paz a ousadia  
de me haver ultrajado?  
Não, há que a punir, merece o ultraje  
Aquele que não ousa vingar-se.  
Tu, triste e sombrio inverno,  
poderosa Divindade;  
Se alguma vez conduzi  
os Prazeres no teu encaço:  
Se pelos meus cuidados  
o teu reino encanta  
Mais que o reino feliz  
de Flora e dos Zéfiros:  
Reconhece os meus favores  
para bem dos meus desejos;  
Torna hoje a minha vingança  
resplandecente.  
Voai, voai, rápidos Áquilos,  
Espalhai sobre este Palácio  
os efeitos do trovão,  
Que ele se desmorone,  
que se desfaça em pó:  
Elevai neste local  
horríveis turbilhões.**

OS VENTOS BRAMINDO NO PALÁCIO.

FIM DO ATO IV.

## ACTE QUATRIÈME

LE THÉÂTRE REPRÉSENTE  
LES JARDINS DE PLUTUS  
ET DE LA JEUNESSE,  
DÉSOLEZ PAR LES VENTS.

### SCÈNE PREMIÈRE

LA FOLIE, SEULE.

#### RITOURNELLE.

Mon Amant dans mes fers  
est toujours arrêté,  
Au trouble de ces lieux  
je voy trop qu'il m'adore:  
Malgré le secours du Léthé,  
Puisqu'il se venge,  
il m'aime encore.

#### PRÉLUDE

Quel triomphe pour mes attraits!  
Ah! que sa vengeance m'enchanté!  
L'Air mugissant, l'Onde grondante,  
Les Arbres arrachez dans  
le sein des Forêts;  
Les Rochers renversez,  
et la Terre tremblante;  
Ah! que sa vengeance m'enchanté!  
Quel triomphe pour mes attraits!

### SCÈNE DEUXIÈME

LE CARNAVAL, LA FOLIE.

#### LA FOLIE

La guerre qu'en ces lieux  
les Vents ont déclarée,  
Est donc l'effet de vos transports?  
En croirons-nous l'impétueux Borée?  
Il jure qu'il vous sert,  
en ravageant ces bords.

## ATO IV

O TEATRO REPRESENTA  
OS JARDINS DE PLUTO  
E D'A JUVENTUDE,  
ASSOLADOS PELOS VENTOS.

### CENA I

A LOUCURA, SÓ.

#### RITOURNELLE

O meu amante continua  
agrilhoado aos meus ferros,  
Pela agitação deste local  
bem vejo que me adora;  
Apesar do auxílio de Letes,  
A sua vingança mostra  
que ainda me ama.

#### PRELÚDIO

Que triunfo para os meus atributos!  
Ah, como a sua vingança me encanta!  
O ar ululante, a onda retumbante,  
As árvores arrancadas  
no coração das Florestas;  
Os rochedos revirados  
e a Terra tremente;  
Ah, como a sua vingança me encanta!  
Que triunfo para os meus atributos!

### CENA II

O CARNAVAL, A LOUCURA.

#### A LOUCURA

A guerra que neste local  
os Ventos declararam,  
É consequência dos vossos ímpetos?  
Devemo-nos fiar no impetuoso Bóreas?  
Ele jura que vos servia  
ao devastar estas margens.

LE CARNAVAL  
N'en doutez point;  
il venge un amour qu'on outrage.

#### LA FOLIE

Quoy? vous m'aimez encore?

#### LE CARNAVAL

Eh! puis-je vous hair?  
Vainement je m'excite  
à la haine, à la rage,  
Ce cœur, ce lâche cœur  
ne sçauroit m'obéir.  
Bacchus me fuit, et Comus  
m'abandonne;  
Silene rit de mes vœux superflus:  
Moy même je m'oublie,  
et ne m'enyvre plus,  
Que d'un amour qui m'empoisonne.  
Bacchus me fuit, et Comus  
m'abandonne;  
Silene rit de mes vœux  
superflus.

#### LA FOLIE

Que vos transports  
charment mes yeux!

#### LE CARNAVAL

Faut-il ne les sentir  
que pour une Infidelle!  
Perfide, reconnois les lieux  
Où tu m'avois promis  
une ardeur éternelle.

LA FOLIE S'ASSOIT,  
ET S'ASSOUPIT  
AU RÉCIT SUIVANT

Tu vois parmi les fleurs,  
cette eau suivre son cours,  
Nos soupirs s'y mêloient  
au murmure de l'onde;  
Regarde ces sombres détours,  
Nos amours y croissoient  
dans une paix profonde.  
Ces Arbres, ces Rochers  
sont témoins de ta foy.  
Dans ce lieu même  
où mon amour te blesse,  
Mille fois les Echos  
m'ont redit après toy,  
Je jure de t'aimer sans cesse.

O CARNAVAL  
Não duvideis,  
ele vinga um amor ultrajado.

#### A LOUCURA

O quê? Vós ainda me amais?

#### O CARNAVAL

Ei! Posso odiar-vos?  
Em vão me concito  
ao ódio, à raiva,  
Este coração, este cobarde  
coração não me obedece.  
Baco evita-me, e Comus  
abandona-me;  
Cilénio ri dos meus votos supérfluos:  
Eu de mim me esqueço,  
e ainda mais me inebrio,  
De um amor que me envenena.  
Baco evita-me e Comus  
abandona-me;  
Cilénio ri dos meus votos  
supérfluos:

#### A LOUCURA

A visão dos vossos  
ímpetos encanta-me!

#### O CARNAVAL

Será que só os posso  
sentir por uma Infiel?  
Pérfida, reconhece o lugar  
Onde me prometeste  
um eterno fervor.

A LOUCURA SENTA-SE  
E VAI ADORMECENDO AO LONGO  
DO DISCURSO QUE SE SEGUE

Vês, por entre as flores,  
esta água seguindo o seu curso,  
Ao murmúrio da onda  
juntam-se os nossos suspiros;  
Observa estas sombrias veredas,  
Aqui crescem nossos amores  
numa paz profunda.  
Estas Árvores, estes Rochedos  
testemunham a tua fé,  
No próprio local onde  
te fere o meu amor,  
Mil vezes repetiram  
os Ecos depois de ti,  
Juro amar-te eternamente.

## LA FOLIE

Plaignez toujours ainsy  
la rigueur de vos maux.  
Non, le sommeil n'a point  
de si puissants pavots;  
C'est vainement que mes  
yeux s'en défendent,  
Les Aquilons m'ont ôté le repos,  
Vos tendres plaintes  
me le rendent.

## LE CARNAVAL

Ciel! quel est donc  
pour moy ce mépris obstiné?  
Vous ajoûtez encor  
l'outrage à vos parjures.

## LA FOLIE

Pourquoy m'éveillez-vous?  
Contraignez vos murmures,  
Respectez le repos que vous  
m'avez donné.

## LE CARNAVAL

C'en est trop, Déesse inhumaine,  
Craignez le désespoir  
où vous m'avez jetté,  
De mille affreux transports  
mon cœur est agité,  
Et la Rage y confond  
et l'Amour et la Haine.

## LA FOLIE, SE LEVANT.

Est-ce donc là l'effet  
qu'a produit le Léthé?  
Ses Eaux n'ont pas éteint  
l'ardeur qui vous possède:  
Mes traits de vôtre cœur  
ne sont pas effacez!  
L'eau vous est un  
fâcheux remède,  
Vous n'en aurez pas pris assez.

## LE CARNAVAL

Ah! chaque mot accroit  
le courroux qui m'entraîne!

AIR

## A LOUCURA

Chorai assim para sempre os vossos  
severos males.  
Não, o sono não  
tem tão potentes eflúvios;  
É em vão que os meus  
olhos os contrariam,  
Os Áquilos roubaram-me o repouso,  
Os vossos ternos queixumes  
mo devolvem.

## O CARNAVAL

Céu! que obstinado  
desprezo é este a que me votais?  
Acrescentais o ultraje  
aos vossos perjúrios.

## A LOUCURA

Porque me despertais?  
Travai os vossos murmúrios,  
Respeitai o repouso  
que me haveis dado.

## O CARNAVAL

É demasiado, inumana Deusa,  
Temei o desespero  
em que me haveis lançado,  
De mil terríveis ímpetos  
se agita o meu coração,  
E a Raiva aí mistura  
o Amor e o Ódio.

## A LOUCURA, LEVANTANDO-SE.

É este o efeito que  
produziu o Letes?  
As suas Águas não extinguiram  
o ardor que vos domina:  
Os meus dardos do vosso  
coração não se apagaram!  
A água é para vós  
um remédio desagradável,  
Não haveis tomado o suficiente.

## O CARNAVAL

Ah! cada palavra faz  
crescer a cólera que me devora!

ÁRIA

## LA FOLIE

Il faut aux Amants plus d'un jour,  
Pour briser une aymable chaîne:  
Et l'oubly ne prend  
pas sans peine,  
La place d'un premier Amour.  
Il faut aux Amants plus d'un jour,  
Pour briser une aymable chaîne:

## LE CARNAVAL

Perfide, vous avez éprouvé le contraire,  
En moins d'un jour vos feux se sont  
éteints.

## MOMUS PAROÏT

Et voilà désormais le Dieu  
qui sçait vous plaire.

## LA FOLIE

Ciel! qui peut avoir mis mon  
Sceptre dans ses mains?

## SCÈNE TROISIÈME

LA FOLIE, LE CARNAVAL, MOMUS.

LA FOLIE, REPREND  
SA MAROTTE

Quittez cet ornement  
que je tiens des Destins,  
Et par qui tout se range  
à mon obéissance;  
Quoy! vouliez-vous sur les humains,  
Exercer ma puissance?

## LE CARNAVAL

Eh! n'est-ce pas de vous que  
Momus en ce jour,  
A reçû ce gage d'amour?

## MOMUS

Je vous ai trompés l'un et l'autre:  
Mais, c'est assez jôüir  
de son trouble et du vôtre.

## A LOUCURA

Tomam os amantes mais de um dia  
Para quebrar um amoroso vínculo:  
E não é sem padecimentos  
Que o esquecimento toma  
o lugar do primeiro Amor.  
Tomam os amantes mais de um dia  
Para quebrar um amoroso vínculo:

## O CARNAVAL

Pérfida, haveis vivido o contrário,  
Em menos de um dia as vossas chamas  
extinguiram-se.

## APARECE MOMO

E eis doravante o Deus  
que sabe cativar-vos.

## A LOUCURA

Céus! quem poderá ter posto  
o meu Ceptro nas suas mãos?

## CENA III

A LOUCURA, O CARNAVAL, MOMO.

A LOUCURA, RECUPERA  
O SEU CEPTRÔ

Largai este ornamento  
que recebi dos Destinos,  
E pelo qual tudo se perfila  
ao meu comando;  
O quê! quereis, sobre os humanos,  
Exercer o meu poder?

## O CARNAVAL

Ei! não foi de vós que  
Momo, neste dia,  
Recebeu esta prova de amor?

## MOMO

Enganei-vos a um e outro:  
Mas, é suficiente gozar  
do seu tumulto e do vosso.

## SCÈNE QUATRIÈME

PLUTUS, LA JEUNESSE,  
LE CARNAVAL, LA FOLIE, ET MOMUS.

### RITOURNELLE

PLUTUS, ET LA JEUNESSE  
**Dieu cruel, fuyez de ces lieux;  
N'êtes-vous pas content  
de cet affreux ravage;  
Fuyez, n'offrez plus à nos yeux,  
Un Enemy qui nous outrage.**

LE CARNAVAL  
**Ah? pardonnez l'effet  
d'un transport amoureux.**

PLUTUS, ET LA JEUNESSE  
**Non, non, perdez toute Espérance;  
Allez porter ailleurs vôtre  
rage et vos vœux:  
Nous ne voudrions jamais,  
après ce trouble affreux,  
D'une si funeste alliance.**

LA FOLIE  
**Vous ne le voulez plus?**

PLUTUS, ET LA JEUNESSE  
**Non.**

LA FOLIE  
**Et moy je le veux.**

**Pour couronner sa flâme,  
Et trouver nos liens charmants,  
Voilà les Sentiments  
Où j'attendois vôtre ame.**

## CENA IV

PLUTO, A JUVENTUDE,  
O CARNAVAL, A LOUCURA E MOMO.

### RITOURNELLE

PLUTO E A JUVENTUDE  
**Deus cruel, abandonai estas terras;  
Não vos satisfaz esta terrível ruína?  
Fugi, afasta da nossa vista,  
Um Inimigo que nos ultraja.**

O CARNAVAL  
**Ah? perdoai o efeito  
de um enleio amoroso.**

PLUTO E A JUVENTUDE  
**Não, não, perdi  
toda a Esperança;  
Ide e levai daqui vossa  
raiva e vossos votos:  
Não queremos mais saber,  
após este cruel tumulto,  
De tão funesta aliança.**

A LOUCURA  
**Já não o quereis?**

PLUTO E A JUVENTUDE  
**Não.**

A LOUCURA  
**Então eu o quero.**

**Para coroar a sua chama,  
E achar nossos laços encantadores,  
Eis os Sentimentos  
Com que esperava a vossa alma.**

## SCÈNE CINQUIÈME

JUPITER, VENUS, BACCHUS,  
MERCURE, ET LES ACTEURS  
DE LA SCÈNE PRÉCÉDENTE.

ON ENTEND UNE SYMPHONIE;  
JUPITER DESCEND SUR DES NUAGES  
AVEC VENUS, BACCHUS, ET MERCURE.

### AIR POUR LA DESCENTE DES DIEUX

PLUTUS, ET LA JEUNESSE  
**Mais, quels nouveaux concerts,  
et quels brillants nuages!  
Les Dieux de leur presence  
honorent ces rivages.**

### [SYMPHONIE]

JUPITER, À PLUTUS  
ET À LA JEUNESSE  
**Ne combattez plus leurs désirs;  
Le Sort veut que l'Hymen  
et l'Amour les unissent:  
Et qu'à ce nœud charmant,  
par de nouveaux plaisirs,  
Le Ciel et la Terre applaudissent.  
Que ce Jardin se change  
en un Palais pompeux;  
Qu'un Trône s'éleve pour eux,  
Qu'ils y goûtent en paix  
une douce victoire.**

LE THÉÂTRE REPRÉSENTE  
LE PALAIS DU CARNAVAL.

JUPITER ET VENUS  
**Vous, Mortels, accourez:  
tout icy vous engage  
A célébrer de si beaux nœuds;  
Que vos plaisirs soient  
vôtre hommage,  
Le Sort ne les unit que pour  
vous rendre heureux.**

## CENA V

JÚPITER, VÊNUS, BACO,  
MERCÚRIO E OS ATORES  
DA CENA ANTERIOR.

OUVE-SE UMA SINFONIA; JÚPITER  
DESCE MONTADO EM NUVENS  
COM VÊNUS, BACO E MERCÚRIO.

### ÁRIA PARA A DESCIDA DOS DEUSES

PLUTO E A JUVENTUDE  
**Mas, que novos concertos  
e que nuvens brilhantes!  
Os Deuses honram estas  
margens com a sua presença.**

### [SINFONIA]

JÚPITER, A PLUTO  
E À JUVENTUDE  
**Não contrariem mais os seus desejos;  
Quer a Sorte que o Himeneu  
e o Amor os unam:  
E que este ditoso laço,  
em renovados prazeres,  
O Céu e a Terra aplaudam.  
Que este Jardim se converta  
num pomposo Palácio;  
Que um Trono para eles se eleve,  
Que aqui em paz desfrutem  
de uma doce vitória.**

O TEATRO REPRESENTA  
O PALÁCIO DO CARNAVAL.

JÚPITER E VÊNUS  
**Vinde, Mortais, acorrei:  
tudo aqui vos convida  
A celebrar tão belos laços;  
Que os vossos prazeres  
sejam a vossa homenagem,  
O Destino só os uniu  
para vos fazer felizes.**

TROUPE DE DIFFÉRENTS PEUPLES  
QUI VIENNENT RENDRE HOMMAGE  
AU CARNAVAL: ILS PRENNENT  
DE SAMAIN, DES MASQUES;  
ET DE CELLE DE LE FOLIE,  
DES MAROTTES; ET REVIENNENT  
MASQUEZ SE PLACER  
SUR DES GRADINS.

#### AIR POUR LES PEUPLES

CHŒUR  
**Rassemblons-nous, dansons,  
folatrons, chantons tous;  
Célébrons par nos chants  
une chaîne si belle:  
Que leur flâme soit éternelle;  
Ah! quel bonheur et pour eux  
et pour nous!**

JUPITER, AU CARNAVAL  
**Exerce à l'avenir  
un pouvoir glorieux,  
Viens recevoir les dons des Dieux.**

JUPITER ET VENUS  
**Viva, viva, sempre viva,  
Il Dio dell'allegria.**

CHŒUR  
**Viva, viva, sempre viva,  
Il Dio dell'allegria.**

JUPITER ET VENUS, AU CARNAVAL,  
EN LUY FAISANT PRENDRE  
UNE ROBE GARNIE DE MASQUES.  
**Sù, sù, pigliate  
Quella divina veste,**

CHŒUR  
**Viva, viva, sempre viva,  
Il Dio dell'allegria.**

BACCHUS, DONNANT AU CARNAVAL  
UNE COËFFURE DE PAMPRE  
ET DE LIERRE  
**Ti corona il Pampino,  
Sarai sempre Dio del Vino.**

TRUPE DE DIFERENTES  
POVOS QUE VÊM PRESTAR  
HOMENAGEM AO CARNAVAL.  
RECEBEM MÁSCARAS  
DA MÃO DESTE E CEPTROS  
DA MÃO DA LOUCURA.  
REGRESSAM MASCARADOS  
E INSTALAM-SE EM BANCADAS.

#### ÁRIA PARA OS POVOS

CORO  
**Juntemo-nos, dancemos, folguemos,  
Cantemos todos;  
Celebremos com o nosso  
canto um tão belo nó:  
Que a sua chama seja eterna:  
Ah! que alegria para eles  
e para nós.**

JÚPITER, PARA O CARNAVAL.  
**Exerce, de ora em diante,  
um poder glorioso.  
Vem receber os dons dos Deuses.**

JÚPITER E VÊNUS  
**Viva, viva, viva sempre  
O Deus da Alegria.**

CORO  
**Viva, Viva, viva sempre.  
O Deus da Alegria**

JÚPITER E VÊNUS, PARA O CARNAVAL,  
DANDO-LHE UM VESTIDO  
ORNADO DE MÁSCARAS.  
**Avante, Avante, tomai  
Este divino traje.**

CORO  
**Viva, Viva, viva sempre.  
O Deus da Alegria.**

BACO, DANDO AO CARNAVAL  
UM TOUCADO DE PÂMPANO  
E DE HERA  
**Coroa-te o Pâmpano,  
Serás sempre o Deus do Vinho.**

CHŒUR  
**Viva, viva, sempre viva,  
Il Dio dell'allegria.**

#### CHACONNE

LA FOLIE  
**Tendre hautbois, douces musettes,  
Par vos chants amoureux,  
célébrez ce grand jour.  
Battez Tambours, sonnez Trompettes;  
Mars me doit son hommage,  
aussi-bien que l'Amour.**

CHŒUR  
**Battez Tambours, sonnez Trompettes;  
Mars nous doit son hommage,  
aussi-bien que l'Amour.**

FIN DU QUATRIÈME ET DERNIER  
ACTE

CORO  
**Viva, Viva, viva sempre.  
O Deus da Alegria.**

#### CHACONNE

A LOUCURA  
**Ternos oboés, doces gaitas-de-foles,  
Celebrai este grande dia  
com vossos amorosos cantos.  
Rufai tambores, soai trompetes;  
Marte deve-me a sua homenagem,  
assim como o Amor.**

CORO  
**Rufai tambores, soai trompetes;  
Marte deve-nos a sua homenagem,  
assim como o Amor.**

FIM DO QUARTO E ÚLTIMO  
ATO.

TRADUÇÃO DE  
MARCOS MAGALHÃES



## MARCOS MAGALHÃES

Nasceu em Lisboa. Estudou na Escola Superior de Música de Lisboa e no CNSM de Paris com Christophe Rousset, Kenneth Gilbert, Ketil Haugsand, Françoise Marmin, Cremilde Rosado Fernandes e Kenneth Weiss. Mais recentemente tem participado em aulas de direção de orquestra com J.M. Burfin.

Marcos Magalhães tem desenvolvido intensa atividade concertística tanto em Portugal como no estrangeiro: com o Ensemble Barroco do Chiado na Temporada Gulbenkian, Centro Cultural Gulbenkian em Paris, Festa da Música – CCB, nos festivais de Espinho, Mafra, Encontros com o Barroco do Porto; com outros agrupamentos (Orphée et Caetera) – concertos em Paris, Bratislava, Festival Les Baroques em Nice e no Festival dos Capuchos. No verão de 2003 tocou com o Ensemble Barroco do Chiado a convite da Fundação Oriente na Índia (Nova Deli, Goa e Bangalore) e Sri Lanka (Colombo). Tocou na Festa da Música a solo e em duo com Paulo Gaio Lima e a solo com a Orquestra Gulbenkian no Festival de Alcobça, sob a direção de Joana Carneiro. Participou em várias produções de ópera e integrou a Orquestra Gulbenkian, a Orquestra Metropolitana de Lisboa, Orquestra da Madeira e a Orquestra Barroca da União Europeia em variadas ocasiões.

Fundou também, em conjunto com Marta Araújo, Os Músicos do Tejo, grupo dedicado à música antiga.

Em 2007 editou o disco *Sementes do Fado* juntamente com Ana Quintans e Ricardo Rocha. Dirigiu, no CCB, Os Músicos do Tejo nas óperas *La Spinalba* de F. A. de Almeida em 2009 e *Lo frate 'nnamorato* de G. B. Pergolesi, ambas com enorme sucesso junto do público e da crítica especializada. Dirigiu no CCB, em 2010, a parte musical do espetáculo *Sonho de Uma Noite de Verão* do Teatro Praga, com música da ópera *Fairy Queen* de Purcell. Também em 2010 editou o CD *As Árias de Luisa Todí*.



## LUCA APREA

Forma-se como ator e mimo em Nápoles. Aprofundou o estudo do Teatro do Movimento em Paris na École de Mime Corporel Dramatique *L'ange fou* dirigida por Steve Wasson e Corinne Soum. Entre 1989 e 1994 estudou com Dario Fo, Odin Teatret, Yves Lebreton, Alessandra Galante Garrone, Philippe Gaulier, entre outros. Entre 1989 e 1991 trabalhou como mimo com o maestro Roberto de Simone para o Real Teatro di San Carlo de Nápoles no *Don Pasquale* de Donizetti, *L'ídolo Chines* de Paisiello e *Le cantatrici villane* de Fioravante. De 1993 a 1997 é professor de interpretação para o ramo de teatro gestual da Real Escuela Superior de Teatro e Danza de Madrid. Neste período trabalhou com a companhia francesa Théâtre du Mouvement e integrou, entre 1998 e 2000, o projeto "Cities" de Claire Heggen no âmbito da Academy of Gestural Arts – Les Transversales.

Paralelamente ao trabalho de criação desenvolveu estudos sobre a corporalidade no campo das artes performativas e da pedagogia. É professor de Movimento na Escola Superior de Teatro e Cinema de Lisboa, desde 1998, onde coordena atualmente a especialização em Teatro do Movimento do Mestrado em Artes Performativas. Licenciado pela Université Paris 8 em Arts du Spectacle e Mestre em Psicopedagogia Perceptiva. Diretor artístico da Companhia Teatral Inventiones Cosmómicomicas de Madrid, desde 2008 integra Os Músicos do Tejo com quem realizou em 2008 *La Spinalba* de F. A. de Almeida e em 2009 *Lo frate 'nnamorato* de G. B. Pergolesi.



## STEFANO RIVA

Nasceu em Besana Brianza, Itália, em 1969. Concluiu o Instituto Statale D'Arte de Monza em 1987 e o curso de Arquitetura no Politécnico de Milão em 1997.

Desde 1995 vive e trabalha em Lisboa. Colaborou com o atelier de arquitetura Arxportugal Arquitectos de 1997 a 2003.

Desde 2004 tem atelier próprio e tem vindo a desenvolver trabalhos e concursos individuais e com outros arquitetos em Portugal e Itália.

Atualmente estão em construção duas moradias em Itália em co-autoria com o Atelier Bigozzi & Bigozzi e outras três em Portugal, e co-autoria com Arxportugal Arquitectos, e um conjunto de moradias em Reguengos de Monsaraz, tendo também realizado o projeto de Recuperação e Ampliação do Jardim Rosa Bastos em Loures, resultado de um concurso público que venceu em 2003 com o Atelier Externa Arquitectura.

## DANIEL WORM D'ASSUMÇÃO

Nasceu em Lisboa em 1964.

Desenhador de Luz, independente firmado em Lisboa, iniciou a sua carreira profissional como Técnico de Luz em 1984 trabalhando em instituições como Ballet Gulbenkian, ACARTE, Teatro Nacional de São João (Porto) e Teatro Camões – Expo'98. Desde 1987 que colabora com os seus trabalhos de iluminação com encenadores, coreógrafos e compositores como Constança Capdeville, João Natividade, Clara Andermatt, Margarida Bettencourt, Aldadra Bizarro, Duarte Barrilero Ruas, Ricardo Pais, Luís Miguel Cintra, Giorgio Barberio Corsetti, Christine Laurent, Nuno Carinhas, Fernanda Lapa, Francisco Camacho, Lúcia Sigalho, Miguel Loureiro, Paula Diogo, Tim Carroll, Inês de Medeiros, John Romão, Patrícia Portela, entre outros.

Atualmente é colaborador regular das companhias de teatro: Teatro da Cornucópia, Teatro Praga e Truta Associação Cultural. Destaca-se ainda a colaboração nas óperas: *L'Isola Disabitata* de Hayden (Lisboa 1997), *The English Cat* de Hans Werner Henze (Porto 2000), *Jeanne D'Arc au Bûcher* de Honegger (Lisboa 2003), *Le Vin Herbé* de Frank Martin (Lisboa 2004), *Medea* de Luigi Cherubini (Lisboa 2005), *Jerusalém* de Vasco Mendonça (Lisboa 2009), encenadas por Luís Miguel Cintra. *Il Matrimonio Segreto* de Domenico Cimarosa (Lisboa 2000), encenada por Margarida Rosa Rodrigues. *L'Amore Industrioso* de J. S. Carvalho (Porto 2000), encenada por Nuno Carinhas. *O Lobo Diogo* e *o Mosquito Valentim* de Eurico Carrapatoso (Porto, 2006) encenada por João Paulo Seara Cardoso. *Sonho de Uma Noite de Verão* de Henry Purcell (Lisboa 2010), encenado por Pedro Penim – Teatro Praga. *Outro Fim* de António Pinho Vargas

(Lisboa 2008) e *Blue Monday e Gianni Schicchi* (Lisboa 2011) encenada por André e Teodósio.



## CARLOS MORAL REIS

Nasceu em Lisboa em 1976. Fez a licenciatura em Realização Plástica do Espetáculo pela Escola Superior de Teatro e Cinema. Desde 1996 trabalhou como técnico, cenógrafo e aderecista com João Barros, Grupo de Teatro do Instituto Superior Técnico, Teatro Praga, Teatro da Garagem, Artistas Unidos, Teatro Experimental de Cascais, Festival de Banda Desenhada da Amadora, EVI Eventos Ibéricos, Teatro Politeama, Companhia Nacional de Bailado, Teatro Nacional D. Maria II e Teatro Nacional de São Carlos. Colabora com Os Músicos do Tejo desde 2009.



## MARTA MORAIS ARAÚJO

Iniciou os estudos de piano com Gabriela Canavilhas na Academia dos Amadores de Música e posteriormente com Ana Sousa Lima no Conservatório Nacional de Música de Lisboa onde terminou o curso de piano com elevada classificação.

Paralelamente diplomou-se em arquitetura na Faculdade de Arquitetura – UTL.

Fez a licenciatura em cravo, na área de música antiga, na Escola Superior de Música e das Artes do Espetáculo, na classe de Ana Mafalda Castro.

Como bolseira Erasmus estudou com Siebe Hens tra na Utrecht School of Arts na Holanda e frequentou *master-classes* de cravo, com Jacques Ogg e com Ketil Haugsand, e de pedagogia com Jos Wuytack e Edwin Gordon.

Tocou com a Orquestra Académica Metropolitana dirigida por Jean Marc Burfin, na Festa da Música, CCB, Aula Magna e Convento de Mafra.

Em conjunto com António Carrilho e Marcos Magalhães tocou no Festival Maio Barroco Óbidos,

no Mês da Música em Setúbal e no Festival Raízes Ibéricas com o maestro Atalaya. Gravou, com este grupo, para a Antena 2.

Tocou na produção da ópera *La Spinalba*, de F. A. Almeida, no CCB, em 2008 e 2009, um projeto concebido pelo Os Músicos do Tejo, do qual é co-fundadora com Marcos Magalhães e que foi muito bem acolhido pela crítica.

Tocou com o Ensemble Arabesco o programa “Nos 200 Anos das Guerras Peninsulares” em Mafra.

Em 2009 participou na ópera *Lo frate innamorato* de Pergolesi, no CCB. Inserida na produção d’Os Músicos do Tejo organizou a digressão de *La Spinalba* em 2009 e participou como cravista nas récitas no Festival Are More em Vigo e no Teatro Viriato em Viseu.

Com Os Músicos do Tejo tocou na produção do Teatro Praga, *Sonho de Uma noite de Verão*, CCB, 2010. Em 2002/2003 colaborou com o Observatório das Actividades Culturais.

Participou como produtora e cravista d’Os Músicos do Tejo, no CD *As Árias de Luísa Todí* que obteve quatro estrelas no jornal *Público*, em 2010. Tendo começado atividade pedagógica em 1994 (Conservatório Regional de Setúbal e Escola Profissional de Música de Évora), é desde 2003/2004 professora de cravo e piano no Conservatório Metropolitano de Música de Lisboa.



## ANA QUINTANS

Licenciada em Escultura pela FBAUL, Ana Quintans estudou Canto na EMCN e no Flanders Operastudio em Gent (bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian).

Em 2005 iniciou a sua carreira internacional com Les Arts Florissants e o maestro William Christie, dedicando ainda hoje a maior parte do seu trabalho à música dos séculos XVII e XVIII. Neste âmbito trabalha sob a direção de Michel Corboz, Marc Minkowski, William Christie e Alain Curtis, entre outros.

Gravou *Judicium Salomonis* de Marc-Antoine Charpentier com Les Arts Florissants; *Requiem* de Fauré com Michel Corboz; e a Sinfonia Varsóvia; *Sementes do fado* com Os Músicos do Tejo; e *Kleine Musik* com o agrupamento Sete Lágrimas. Em DVD surge na produção *Dido and Aeneas* de Purcell (Christie / Warner / Ópera Comique Paris) e

*L’Incoronazione di Poppea* de Monteverdi (Christie / Pizzi / Teatro Real de Madrid).



## JOÃO FERNANDES

Aluno de Isabel Mallaguerra e António Salgado, formado na GSMD-Londres com Rudolf Pierney, bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, é um solista regularmente convidado por William Christie, Mark Minkowski, René Jacobs, Christophe Rousset, Hervé Niquet, Christina Pluhar, Ottavio Dantone, Andrea Marcon, Ivor Bolton, David Stern, Thomas Sanderling, Marcos Magalhães ou Skip Sempé, em salas de espetáculo como a Royal Opera House, Covent Garden, Garnier, Châtelet, Bunkamura, New York City Opera, Teatro Alla Scala, Zurich Opernhaus, Théâtre Royal de la Monnaie, Opéra de Lyon, Teatro Colón, ou Théâtre de Montpellier.

Recentemente, actuou no Concertgebouw de Amsterdão com Franz Brüggen em *Les Indes Galantes*, no Festival d’Aix-en-Provence com Ivor Bolton em *Alceste*, no Teatro de Versailles com Hervé Niquet em *King Arthur*, no Elgin de Toronto com David Fallis em *Acis & Galatea*, em Madrid com Andrea Marcon em *La Clementina*, e no Festival de Zamora, em recital com L’Arpeggiata.

As suas gravações incluem DVD de *Les Indes Galantes* ou *King Arthur*, assim como CD com a direção de Christie, Niquet, Pluhar, Rousset e Marcon, incluindo *Il tutore burlato* para Decca e *La Clementina* para Deutsche Grammophon.



## HUGO OLIVEIRA

Nasceu em Lisboa. Foi galardoado com o 1.º Prémio no III Concurso da Fundação Rotária Portuguesa, bem como vencedor do Stichting Nederlands Vocalisten Presentatie na Holanda.

Inserido na prestigiada série de ópera do Concertgebouw – Zaterdagmatinée: NPS – interpretou *La*

*Wally* de A. Catalani (Pedone), sob a direção de Giuliano Carella e *Lohengrin* de R. Wagner (Dritte Edler), dirigido por Jaap van Zweden. No Festival de Aix-en-Provence, Hugo Oliveira foi o protagonista da ópera *Un Retour* de Oscar Strasnoy. Participou também em *Les malheurs d’Orphée* de D. Milhaud (Orphée) com Ebony Band em Paris (Cité de la Musique), *L’enfant et les sortilèges* (Fauteuil), sob a direção de Wayne Marshall (Concertgebouw Amsterdam), *Dido and Aeneas* de Purcell (Eneas), *As Bodas de Figaro* (Figaro) no Coliseu do Porto, sob a direção de Young-Min Park, *Venus and Adonis* (Adonis) de John Blow e *Rappresentatione di Anima et di Corpo de Cavaleri* (Anima Dannata) com L’Arpeggiata (Christina Pluhar).

Hugo Oliveira trabalhou ainda com Jordi Savall (Les Concert des Nations), Joana Carneiro (Orquestra Sinfónica Portuguesa), Paul Dombrecht (Il Fondamento), Enrico Onofri (Divino Sospiro), Bruno Weil (Wallfisch Band), Klaas Stok (Concerto d’Amsterdam), Gabriel Garrido (Ensemble Elyma), Christina Pluhar (L’Arpeggiata), Kenneth Weiss, Lawrence Cummings e Christophe Rousset.



## FERNANDO GUIMARÃES

Licenciado em Canto pela Escola das Artes da UCP – Porto, na classe de António Salgado, é vencedor de vários prémios nacionais e internacionais. Convidado habitual de grupos como Cappella Mediterranea e Clematis (Leonardo García Alarcón), L’Arpeggiata (Christina Pluhar), Pygmalion (Raphaël Pichon), Le Parlement de Musique (Martin Gester), Les Muffatti (Pieter Van Heyghen), Canticum Novum (Emmanuel Bardou), entre outros, apresenta-se regularmente como solista em vários países europeus. Em Portugal, é presença habitual em instituições como a Fundação Calouste Gulbenkian e o Centro Cultural de Belém, colaborando regularmente com grupos como Os Músicos do Tejo, Divino Sospiro e as principais orquestras do país. A sua discografia conta já com cerca de uma dezena de gravações para as editoras Virgin, Ricercar e Ambronay Editions. Prepara para breve a sua estreia com Les Arts Florissants, no papel titular de *La Descente d’Orphée aux Enfers*, de Charpentier.



## CARLA CARAMUJO

Vencedora do Concurso Nacional Luísa Todí, Musikförderpreis der Hans-Sachs-Loge (Alemanha), Dewar Award, Chevron Excellence e Ye Cronies Awards (Inglaterra), formou-se na Guildhall School of Music and Drama e na Royal Scottish Academy of Music and Drama. Destacam-se as suas interpretações nos papéis de Gilda em *Rigoletto*, D. Anna em *Don Giovanni* e Adele em *Die Fledermaus* (Teatro Nacional de São Carlos); Violetta em *La Traviata* (Festival de Sintra); Adina em *L’elisir d’amore* (Teatro da Trindade); Nena em *Lo frate innamorato* de Pergolesi (CCB/Os Músicos do Tejo); Vespina em *La Spinalba* de F. A. Almeida (Festival de Vigo / Os Músicos do Tejo); Valetto em *L’Incoronazione di Poppea* (Traverse Theatre, Edimburgo); Armida em *Rinaldo* (Festival Theater, Edimburgo); Rainha da Noite em *Die Zauberflöte* (Trinity Theatre, Kent); Fiordiligi em *Così fan tutte* (Rivoli); Herz em *Die Schauspieldirektor* de Mozart (Faro); Frasquita em *Carmen* (Teatro Comunale de Bolonha), Controller em *Flight* de J. Dove (New Atheneum Theatre, Glasgow), e, ainda, Salomé, na estreia mundial de *O Sonho* de Pedro Amaral, com a London Sinfonietta, em Londres e na Fundação Gulbenkian.



## LUIS MIGUEL CINTRA

Nasceu em Madrid em 1949. Iniciou a sua carreira de ator e encenador de teatro no Grupo de Teatro da Faculdade de Letras de Lisboa. Frequentou a Bristol Old Vic Theatre School em Inglaterra. Em 1973 fundou em Lisboa, com Jorge Silva Melo, o Teatro da Cornucópia que desde então dirige, agora com Cristina Reis, e onde tem encenado e representado textos de todo o repertório teatral. Encenou ópera para o Teatro Nacional de São Carlos, no Teatro da Cornucópia, na Culturgest e no Teatro Rivoli / Culturporto. Participou com a sua companhia no Festival de Teatro da Bienal de Veneza

em 1984, no Festival de Avignon de 1988, no Festival de Outono de Paris em 1989, e em 1991 na Europália de Bruxelas e na École des Maîtres que lhe foi dedicada. Em 1997 trabalhou como ator em Paris no Théâtre de la Commune-Pandora, Aubervilliers. Faz regularmente recitais de poesia e gravou vários discos de literatura portuguesa. Tem participado como recitante em vários concertos. No cinema interpretou filmes de João César Monteiro, Paulo Rocha, Luís Filipe Rocha, Solveig Nordlund, Jorge Silva Melo, Manoel de Oliveira, Christine Laurent, José Álvaro de Morais, Pedro Costa, Joaquim Pinto, Maria de Medeiros, Patrick Milmouni, Teresa Vilaverde, João Botelho, Pablo Llorca, Jorge Cramez, John Malkovich e Raquel Freire, Catarina Ruivo, João Constâncio, entre outros.



## JOB ARANTES TOMÉ

Nasceu em 1978 em Matosinhos. Iniciou os seus estudos musicais no Conservatório de Música do Porto, onde estudou canto com a professora Cecília Fontes. Licenciado em canto pela Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo do Porto (ESMAE) na classe do professor Rui Taveira. Integrou o grupo dos cantores em residência no Estúdio de Ópera da Casa da Música; na componente formativa do Estúdio, trabalhou com conceituados nomes do canto, da encenação e direção. Trabalha regularmente com Peter Harrison. Apresenta-se em ópera, oratória e recitais com diversas orquestras em Portugal e França. Em 2007 foi premiado pela Fundação Rotária Portuguesa, na primeira edição do concurso de canto, com o 1.º Prémio, melhor *Lied* e melhor canção portuguesa, e no mesmo ano pela ESMAE obteve o Prémio Helena Sá e Costa. Em 2008/2009 integrou o Centre National d'Artistes Lyriques de Marselha (CNIPAL). Atualmente leciona canto na ESMAE. Destacam-se da sua programação para o ano de 2011 as produções das óperas *Il Prigionero* de Luigi Dallapiccola, em Limoge, *Le Nozze di Figaro* de W. A. Mozart no Coliseu do Porto, *Die drei Pintos* na Fundação Calouste Gulbenkian em Lisboa.



## JENNIFER SMITH

Nasceu em Lisboa, onde recebeu toda a sua educação, tanto no Liceu Francês como no Conservatório Nacional. Entre os seus professores contam-se Jorge Croner de Vasconcelos, Gertrud Mersiovsky, Armando Fernandes, Artur Santos e Armin da Correia, seguindo uma iniciação musical fundamental com Helena Lamas Pimentel e Elisa Lamas. Como bolsista da Fundação Calouste Gulbenkian estudou em Londres com Winifred Radford e Hans Keller, e em Paris com Pierre Bernac. As suas especializações incluem: o barroco, sobretudo francês, tendo participado na recriação seminal de *Atys* de Lully, com Jean Marie Villégier e William Christie, a melodia francesa, cuja classe dirige no Royal College of Music desde 1997, e mais recentemente o canto gregoriano. Participou em numerosas gravações, que abrangem todos os estilos, desde a música antiga (nomeadamente com os Segréis de Lisboa), até a música contemporânea (*Chants de l'Ame* de Olivier Greif, com o compositor ao piano), colaborando com John Eliot Gardiner, Marc Minkowski, Simon Rattle e Graham Johnson, entre outros.



## CATARINA CÂMARA

Nasceu em Lisboa em 1975. Licenciou-se em Direito pela Universidade Clássica de Lisboa e em Dança pela Escola Superior de Dança de Lisboa. Trabalha como intérprete na Companhia de Dança Contemporânea Olga Roriz desde 2001. Paralelamente, tem lecionado cursos de dança e composição coreográfica e movimento para atores (Espaço Evoé, Menina dos Meus Olhos, Conservatório de Dança de Lisboa, Escola Anselmo de Andrade). Fez movimento para teatro, assistências coreográficas e duas co-criações: *De Duas Uma* (2004) e *Rosa de Papel* (2006). Em 2009 estreou o seu primeiro solo *A Cabra Sou Eu* (2009) no ciclo BoxNova do Centro Cultural de Belém.



## PEDRO RAMOS

Coreógrafo/bailarino, investigador, ator, videasta, cantor lírico, professor de dança e Hatha Yoga. É licenciado pela Escola Superior de Dança, tendo frequentado a pós-graduação em Dança Movimento Terapia e comunicação não-verbal na UAL. Leciona a cadeira de Análise e Técnicas de Composição na Escola de Dança do Conservatório Nacional e leciona a cadeira de Corpo na ESAD, nas Caldas da Rainha, no Curso Superior de Teatro. É aluno de mestrado de Teatro do Movimento, na Escola Superior de Teatro e Cinema.

Como intérprete tem trabalhado com vários criadores nacionais e internacionais, entre os quais se destacam: Madalena Victorino, Clara Andermatt, Stephan Jurgans, José Laginha, Félix Lozano, Cláudia Novua, João Loreço, Luca Aprea, Silke Z., Ana Rita Barata, Sofia Belchior, Né Barros e João Brites.

Tem feito várias criações, como *Coexistência*, *Saindo do Escuro...*, *Minuto*, *VideoDança 06*; *Room* em colaboração e a partir do trabalho do artista plástico Noam Bem Jacocov; *Diário Metafísico*, *...memória de uma Origem*, *InAdega* (co-criação com Sofia Belchior), *Orbita do cérebro na planta da mão* e *Atractor Estranho* apresentado no Pavilhão do Conhecimento.

Ao longo da sua carreira profissional tem sido várias vezes premiado e reconhecido, tanto a nível individual (melhor bailarino contemporâneo 2008 – Gala Dance Awards-RTP1; Medalha de Mérito IPL – 2009) como no coletivo (Caruma – espetáculo do Ano 2006; Saga – Opera extravagante – Globos de Ouro; Txt – 1.º Prémio Experimenta Design, Corpo Todo – 15.º Caminhos Cinemas Português, Menção, Quixote 1.º Prémio da SPA).

## VOCES CAELESTES

DIREÇÃO  
**SÉRGIO FONTÃO**

SOPRANOS  
**GRAZIELA LÉ**  
**MÓNICA SANTOS**  
**ROSA CALDEIRA**

ALTOS  
**CAROLINA FIGUEIREDO**  
**JOANA NASCIMENTO**  
**MANON MARQUES**

TENORES  
**JAIME BACHAREL**  
**JOÃO BARROS**  
**SÉRGIO FONTÃO**

BAIXOS  
**HORÁCIO SANTOS**  
**JOSÉ BRUTO DA COSTA**  
**RUI BORRAS**



**Voces Caelestes** é um grupo vocal de constituição variável, de acordo com as exigências das obras a interpretar. Esta característica, aliada à larga experiência dos cantores que o integram, permite ao agrupamento abordar um vasto repertório, que se estende da música medieval à criação musical contemporânea. As Voces Caelestes têm-se apresentado a *cappella* e em colaboração com instrumentistas como Pedro Carneiro (percussão) e agrupamentos como Camerata Academica Salzburg, Orquestra de Câmara Portuguesa e Orquestra Metropolitana de Lisboa, sob a direção dos maestros Harry Christophers, Laurence Cummings, Peter Schreier e Michael Zilm.



## SÉRGIO FONTÃO

DIREÇÃO DO CORO

Iniciou os estudos musicais aos cinco anos de idade, sob a orientação de seu pai. Posteriormente, estudou piano, harpa, percussão, canto e direção, a par da sua formação nas áreas da Comunicação Social e da Gestão das Artes. Atualmente, prepara a sua tese de mestrado em Direção Coral. Como membro ou diretor de diversas formações vocais e instrumentais realizou concertos em inúmeros países da Europa, Ásia e América. Participou, também, em espetáculos de ópera e teatro e efetuou gravações para cinema, rádio, televisão e em disco, para as etiquetas Aria Music, Dinemec Classics, EMI Classics, Fnac Music, Milan, Movieplay Classics, Numérica, Penta Tone, Philips, Portugal Som, Sole mio, Virgin Classics e Virgin Veritas. Integra frequentemente o corpo docente de cursos de Direção Coral e Técnica Vocal.

## OS MÚSICOS DO TEJO

VIOLINOS

DESSUS DE VIOLON

**FLORIAN DEUTER** (CONCERTINO)

**DENYS STETSENKO**

**RAQUEL CRAVINO**

**NUNO MENDES**

HAUTES-CONTRE DE VIOLON

**TERA SHIMIZU**

**REYES GALLARDO**

**ÁLVARO PINTO**

**LAURA CAVAZZUTI**

TAILLES DE VIOLON

**MIRIAM MACAIA**

**LÚCIO STUDER**

VIOLONCELO

**ANA RAQUEL PINHEIRO**

VIOLA DA GAMBA

**FILIPA MENESES**

VIOLONE E CONTRABAIXO

**DUNCAN FOX**

FAGOTE I

**CAROLINO CARREIRA**

FAGOTE II

**SUSANA JANEIRO**

OBOÉ I E FLAUTA DE BISEL II

**PEDRO CASTRO**

OBOÉ II

**ANDREIA CARVALHO**

FLAUTA DE BISEL I

**ANTÓNIO CARRILHO**

TROMPETE

**BRUNO FERNANDES**

TEORBA

**HUGO SANCHES**

CRAVO

**MARTA ARAÚJO**

**MARCOS MAGALHÃES**

Novo projeto musical no campo da música antiga fundado por Marcos Magalhães e Marta Araújo.

Os Músicos do Tejo fizeram a sua primeira apresentação em Setúbal, em dezembro de 2005, e na sua curta existência como grupo especializado em música antiga já desenvolveram uma parceria com o CCB que os levou a produzir duas óperas, editaram dois discos, apresentaram-se em inúmeros concertos em Portugal e no estrangeiro e foram objeto de diversos apoios institucionais (Fundação Gulbenkian, Fundação Oriente e Stanley Ho; Câmara Municipal de Lisboa, Direcção Geral de Reinserção Social e Instituto Camões) e mecenáticos (AMARSUL, mecenas privados).

As duas óperas *La Spinalba* de F. A. de Almeida e *Lo frate 'nanmorato* de G.B. Pergolesi, estreadas no CCB, têm sido recebidas com grande sucesso ao nível do público e obtiveram críticas entusiásticas por parte da crítica especializada (jornais *Públi-*



*co, Diário Notícias, Jornal de Letras e Expresso*). A ópera *La Spinalba* foi objeto de uma digressão em Portugal e Espanha, indo já na sua décima apresentação.

O disco *As Sementes do Fado* (com Ana Quintans, Ricardo Rocha e Marcos Magalhães) obteve quatro estrelas (em cinco) no jornal *Público*, e foi considerado pelos críticos do *Jornal de Letras* como um dos melhores discos nacionais do ano de 2007. Graças a este disco, o programa *Sementes do Fado* já foi apresentado seis vezes, entre as quais a 22 de outubro na Église des Billetes em Paris. Nessa altura foram também convidados do programa de Gaëtan Naulleau: Le Matin des Musiciens na rádio France Musique.

O disco *As Árias de Luísa Todi* (com a soprano Joana Seara), que apresenta o repertório cantado pela célebre *prima-donna* portuguesa do século XVIII, obteve igualmente quatro estrelas (em cinco) no jornal *Público*.

Em 2010 colaboraram com o Teatro Praga no espetáculo *Sonho de Uma Noite de Verão*, no CCB.

Os Músicos do Tejo apresentaram-se em concerto em locais tão variados como Mafra, Vigo, Brest, Paris e Goa. A Associação Cultural Os Músicos do Tejo foi criada em junho de 2009.



## FLORIAN DEUTER

CONCERTINO

Tem feito uma carreira notável na área da Prática da Performance Histórica. Em 1986 foi convidado por Reinhard Goebel para se reunir ao agrupamento Musica Antiqua Köln, o que o lançou para papéis de liderança devido ao seu enorme talento e grande energia. Em 1994, foi concertino do *ensemble* de Goebel e desde então passou a dirigir o Paul McCreech's Gabrieli Consort e o Chapel-Royale/ Collegium Vocale Gent de Philippe Herreweghe. Tem também atuado como solista e concertino de Marc Minkowski, Les Musiciens du Louvre, da Amsterdam Baroque Orchestra dirigido por Tom Koopman, The European Baroque Orchestra, Musica ad Rhenum e Capriccio Stravagante, entre outros. Em 2003 fundou o *ensemble* Harmonie Universelle, vocacionado para o estudo da bibliografia da música de câmara dos séculos XVII e XVIII.

AGRADECIMENTOS

MANUEL AUGUSTO ARAÚJO  
MARIA EMÍLIA RUA  
RUI CATARINO  
JORGE SALAVISA  
TERESA MAGALHÃES  
DIOGO VITORINO  
PEDRO RUFINO  
MARIA HELENA GUIMARÃES MORAIS  
SUSANA BAETA  
COMPANHIA TEATRAL DO CHIADO  
FERNANDO CARVALHO  
CONCEIÇÃO MENDES  
REGINA SUTRE  
FRANCISCO VICENTE  
VÍTOR MORAIS  
VINCENZO CARPENTIERI E MARIA DEL GIUDICE  
ANGELES MARCOS  
PEDRO ROVISCO

FIGURINOS GENTILMENTE CEDIDOS PELO  
**TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS, OPART, E. P. E.**  
MATERIAL DE ORQUESTRA PUBLICADO PELAS EDIÇÕES DO  
**CENTRO DE MÚSICA BARROCA DE VERSALHES**  
OS MÚSICOS DO TEJO TÊM O APOIO DA  
**CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA**

**CCB**

**CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO**

ANTÓNIO MEGA FERREIRA PRESIDENTE  
MARGARIDA VEIGA VOGAL MIGUEL LEAL COELHO VOGAL

ASSESSORA PARA A PROGRAMAÇÃO GABRIELA CERQUEIRA  
CONSULTOR PARA A PROGRAMAÇÃO DE LITERATURA JOÃO PAULO COTRIM

**CENTRO DE ESPETÁCULOS**

COORDENADORA CLÁUDIA BELCHIOR  
ASSESSOR PARA A PROGRAMAÇÃO DE MÚSICA FRANCISCO SASSETTI  
CONSULTOR PARA DANÇA E MÚSICAS PLURAIS FERNANDO LUÍS SAMPAIO  
ASSISTENTE DE PROGRAMAÇÃO RITA BAGORRO  
PRODUÇÃO INÉS CORREIA / PATRÍCIA SILVA / HUGO CORTEZ / VERA ROSA / INÉS LOPES  
DIRETOR DE CENA / COORDENADOR JONAS OMBERG  
DIRETORES DE CENA PEDRO RODRIGUES / PATRÍCIA COSTA / PAULA FONSECA / JOSÉ VALÉRIO  
SECRETARIADO DE DIREÇÃO DE CENA YOLANDA SEARA ESTAGIÁRIOS CELSO MATOS / RITA CONDUTO  
CHEFE TÉCNICO DE PALCO RUI MARCELINO SECRETARIADO DE DIREÇÃO TÉCNICA SOFIA MATOS  
TÉCNICOS PRINCIPAIS PEDRO CAMPOS / LUÍS SANTOS / RAUL SEGURO  
TÉCNICOS EXECUTIVOS F. CÂNDIDO SANTOS / VÍTOR PINTO / CÉSAR NUNES /  
JOSÉ CARLOS ALVES / HUGO CAMPOS / MÁRIO SILVA / RICARDO MELO / RUI CROCA  
CHEFE TÉCNICO DE AUDIOVISUAIS NUNO GRÁCIO  
TÉCNICOS DE AUDIOVISUAIS RUI LEITÃO / EDUARDO NASCIMENTO /  
LUIS GARCIA SANTOS / NUNO BIZARRO / PAULO CACHEIRO / NUNO RAMOS  
CHEFE TÉCNICO DE GESTÃO E MANUTENÇÃO SIAMANTO ISMAILY  
TÉCNICOS DE MANUTENÇÃO JOÃO SANTANA / LUÍS TEIXEIRA / VÍTOR HORTA

**COMUNICAÇÃO E MARKETING**

COORDENAÇÃO SÓFIA MÂNTUA  
SECRETARIADO DA COORDENAÇÃO SANDRA GRILO  
ORÇAMENTO \ GESTÃO DE CONTEÚDOS ONLINE MANUELA MOREIRA  
GESTÃO DE BASE DE DADOS VERA MESTRINHO  
**GABINETE DE RELAÇÕES PÚBLICAS** ISABEL ROQUETTE (RESPONSÁVEL) / CARLOS MOURA /  
MIGUEL MANTA SECRETARIADO DE RELAÇÕES PÚBLICAS LÚCIA OLIVEIRA  
RECEÇÃO ANA SILVA / CLÁUDIA ANTUNES / FILOMENA ROSA /  
MADALENA CASTRO / PATRÍCIA SALEIRO

**GABINETE DE IMPRENSA** SÓFIA CARDIM (RESPONSÁVEL) / ANA BRAVO

**SECTOR EDIÇÕES** PRODUÇÃO MADALENA FRADE REVISÃO DE TEXTOS DULCE REIS

**GABINETE GRÁFICO** DESIGNERS > PAULA CARDOSO (RESPONSÁVEL) /  
PAULO FERNANDES / MARISA LOURENÇO PRODUÇÃO GRÁFICA SANDRA SALGUEIRO

**WWW.CCB.PT**



**VIOLONCELO  
E DIRECÇÃO  
MUSICAL**

**OBRAS DE  
ELGAR, VIVALDI  
E BEETHOVEN**

**3 JUNHO  
21H  
GRANDE  
AUDITÓRIO**

M/6 ANOS

# Heinrich Schiff

+ Orquestra de  
Câmara  
Portuguesa

BILHETEIRA ONLINE **TRAGA O SEU BILHETE DE CASA**

CARTÃO AMIGO CCB **ESPETÁCULO COM DESCONTO**